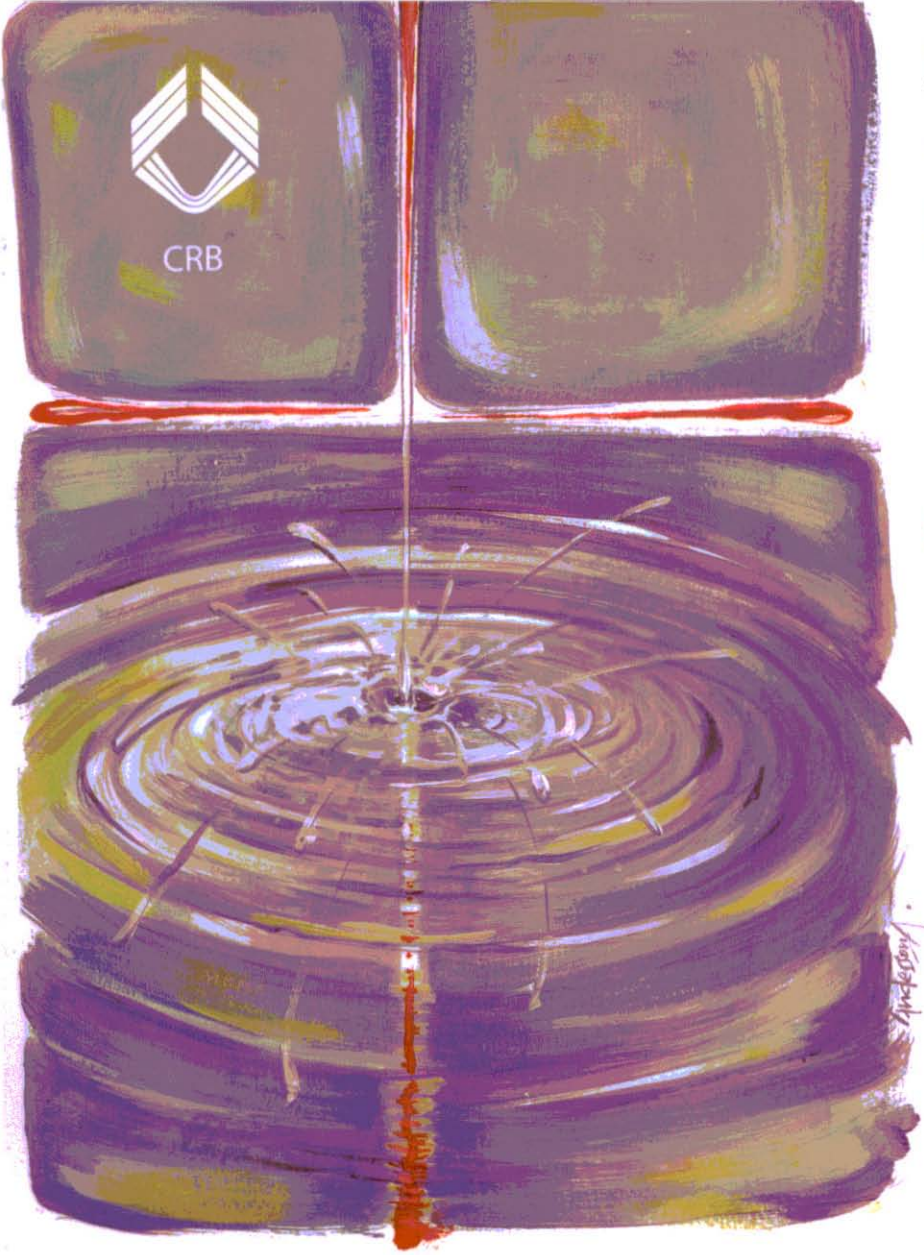


# CONVERGÊNCIA

MAIO 2008 • XLIII • nº 411

- Mística de "encarnação". Uma meditação sobre o horizonte
- "Escolhe, pois, o caminho da vida": Reflexões teológicas
- Simone Weil: uma paixão sem fronteiras
- Eucaristia: memorial ou rito sagrado?

# Sumário


**Editorial**

Vida em plenitude ..... 273

**Palavra do papa**

Mensagem de Sua Santidade Bento XVI para o 42º Dia Mundial das Comunicações Sociais ..... 276

**Informe CRB**

AGO – Assembléia Geral Ordinária e AGE – Assembléia Geral Extraordinária ..... 281

Seminário interdisciplinar ..... 283

CONFIAR – Conselho para Formação, Integração e Animação das Regionais ..... 285

**Artigos**

Mística de "encarnação". Uma meditação sobre o horizonte – Frei Luiz Carlos Susin ..... 286

"Escolhe, pois, o caminho da vida": reflexões teológicas – Frei Antônio Moser ..... 295

Simone Weil: uma paixão sem fronteiras – Teólogo Faustino Teixeira ..... 313

Eucaristia: memorial ou rito sagrado? – Teólogo Jung Mo Sung ..... 328


*A ilustração da capa, de Irmão Anderson S. Pereira, nsc, nos mostra a Cruz de Cristo rompendo o horizonte e entrando em nosso mundo. Nossa resposta, associada à Encarnação, torna-se força geradora de vida e missão. Discípulas e discípulos de Jesus Cristo, precisamos da coragem de nos lançarmos e mergulhar em novas realidades, com renovada força e criativa fidelidade.*


**CONVERGÊNCIA**
Revista mensal da Conferência dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162

**DIRETORA RESPONSÁVEL**
Ir. Márian Ambrósio, dp

**REDATORA RESPONSÁVEL**
Ir. Ires L. Pontim, fsp
MTb 10.764

**EQUIPE DE PROGRAMAÇÃO**
*Coordenadora:*
Ir. Márian Ambrósio, dp

*Conselho editorial:*
Ir. Aila Pinheiro de Andrade, nj
Pe. Francisco Taborda, sj
Pe. Jaldemir Vitório, sj
Pe. Cleto Caliman, sdb

**DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO**
Rua Alcindo Guanabara, 24/4º andar
20038-900 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 2240-7299
Fax: (21) 2240-4486
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do PDF sob o n. P. 209/73

*Projeto gráfico:*
Manuel Rebelato Miramontes

*Revisão:*
Cirano Dias Pelin
Sandra Sinzato

*Impressão:*
Gráfica de Paulinas Editora



*Os artigos assinados são de responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.*



**Assinatura anual para 2008:** Brasil: R$ 84,00
Exterior: US$ 84,00 ou correspondente em R$ (reais)
Números avulsos: R$ 8,40 ou US$ 8,40

# Vida em plenitude!

Comunicar... Comunicar-nos! Entre as "profundas transformações e grandes desafios que envolvem a humanidade hoje", sem dúvida, deparamo-nos com o fator *comunicação*.

A mensagem do papa Bento XVI, por ocasião do 42º Dia Mundial das Comunicações Sociais, que se encontra transcrita na abertura desta edição, induz-nos a buscar a verdade para partilhá-la. O caminho para o encontro com a verdade é bem definido para nós — Jesus Cristo. Nas infinitas encruzilhadas deste caminho, no entanto, somos engolidos por desvios, interpretações, mentiras... A fidelidade no seguimento é o critério do discipulado.

O lugar de partilhar a verdade é igualmente conhecido por nós — a comunidade, seja ela compreendida de forma interna ou solidária, seja aberta. A comunidade é o lugar da partilha da verdade.

A revista continua, neste mês de maio, a publicar artigos que visam o aprofundamento do horizonte e das prioridades elaboradas para o triênio 2007-2010 da Conferência dos Religiosos do Brasil.

Nessa perspectiva, podemos debruçar-nos sobre dois textos: *Mística da encarnação* — uma meditação sobre o horizonte, fruto da riqueza do pensamento e do testemunho do religioso frei Luiz Carlos Susin, ofmcap. Tendo participado da Equipe de Assessoria da Assembléia Geral da CRB que aprovou esse horizonte como marco para a caminhada, frei Susin nos convida a mergulhar mais uma

vez no *mistério maior de nossa fé.* Além de proporcionar-nos um momento privilegiado de aprofundamento da reflexão, o autor nos desafia a fazer a travessia para o mistério da *co-encarnação,* chamando nossa atenção para o risco de quem assume — na radicalidade — este compromisso com Jesus e seu projeto.

Na mesma direção (o aprofundamento dos temas da XXI Assembléia da CRB), e em comunhão com a Igreja do Brasil, que nos presenteia com mais uma Campanha da Fraternidade cujo tema aponta para a *defesa da vida*, o texto *"Escolhe, pois, o caminho da vida": reflexões teológicas*, redigido pelo religioso frei Antônio Moser, ofm. Simplesmente com o objetivo de ressaltar o que já várias vezes experimentamos, vale a pena não somente percorrer as linhas escritas, mas formar grupos de aprofundamento sobre as nuances de cada aspecto abordado pelo autor, todas elas trazendo luz e oferecendo critérios para nossa compreensão e para nossa ação comprometida. O *serviço à vida* continuará nos provocando ao longo de todo este ano através das páginas da revista.

O mês de maio traz, inerente em si mesmo, um lado feminino, de beleza e profundidade. Eis por que assume sentido especial o artigo *Simone Weil: uma paixão sem fronteiras*, magistralmente escrito pelo teólogo Faustino Teixeira. É uma alegria mergulhar nesta experiência fascinante: mulher, mística e apaixonada, uma presença misteriosa e "atormentada" pelo amor de Deus. Além de recordar-nos traços biográficos desse ícone de nossa história, frei Faustino nos ajuda a compreender seu processo de vida, sua forma de amar, de buscar, de viver. Este testemunho nos fortalece em nossas próprias buscas.

Valorizando a celebração de *Corpus Christi* e proporcionando-nos mais uma chance de vivenciarmos mais plenamente o mistério da Eucaristia, a revista divulga o preciso conteúdo do artigo *Eucaristia: memorial ou rito sagrado?*, de Jung Mo Sung. Que significado assumimos para nós, ou testemunhamos para o mundo, ao repetirmos, hoje, "Fazei isto em memória de mim"? Atualizando nossa com-

preensão, somos desafiados a "celebrar a Eucaristia como sacramento que sintetiza as lutas e o desejo de Jesus — um mundo onde as pessoas reconciliadas com Deus e entre si repartem o pão e o vinho como sinal e compromisso de continuar lutando para que todas as pessoas tenham vida em abundância".

Ir. Márian Ambrósio, dp

# Mensagem de Sua Santidade Bento XVI para o 42º Dia Mundial das Comunicações Sociais

## Domingo, 4 de maio de 2008

*"Os meios de comunicação social:*
*na encruzilhada entre*
*protagonismo e serviço.*
*Buscar a verdade para partilhá-la."*

Queridos irmãos e irmãs!

1. O tema da próxima Jornada Mundial das Comunicações Sociais — "Os meios de comunicação social: na encruzilhada entre protagonismo e serviço. Buscar a verdade para partilhá-la" — coloca em relevo como é importante o papel desses instrumentos na vida das pessoas e da sociedade. De fato, não existe âmbito da experiência humana, sobretudo se enquadrada no vasto fenômeno da globalização, onde os *media* não se tenham tornado parte constitutiva das relações interpessoais e dos processos sociais, econômicos, políticos e religiosos. A tal propósito, escrevi na *Mensagem para a Jornada da Paz* do passado dia 1º de janeiro:

> Os meios de comunicação social, pelas potencialidades educativas de que dispõem, têm uma responsabilidade especial de promover o respeito pela família, de ilustrar as suas expectativas e os seus direitos, de pôr em evidência a sua beleza (n. 5).

2. Graças a uma vertiginosa evolução tecnológica, os referidos meios foram adquirindo potencialidades extraordinárias, ao mesmo tempo que levantavam novas e inéditas interrogações e problemas. É inegável a contribuição que podem dar para a circulação das notícias, o conhecimento dos fatos e a difusão do saber: por exemplo, contribuíram de

modo decisivo para a alfabetização e a socialização, como também para o avanço da democracia e do diálogo entre os povos. Sem a sua contribuição, seria verdadeiramente difícil favorecer e melhorar a compreensão entre as nações, conferir respiro universal aos diálogos de paz, garantir ao ser humano o bem primário da informação, assegurando ao mesmo tempo a livre circulação de intentos a bem nomeadamente dos ideais de solidariedade e justiça social.

Sim! Os *media*, no seu conjunto, não servem apenas para a difusão das idéias, mas podem e devem ser também instrumentos a serviço de um mundo mais justo e solidário. Infelizmente, é bem real o risco de, ao contrário, se transformarem em sistemas que visam a submeter o ser humano a lógicas ditadas pelos interesses predominantes de momento. É o caso de uma comunicação usada para fins ideológicos ou para a venda de produtos de consumo mediante uma publicidade obsessiva. Com o pretexto de apresentar a realidade, de fato tende-se a legitimar e a impor modelos errados de vida pessoal, familiar ou social. Além disso, para atrair os ouvintes, a chamada quota de audiências, por vezes não se hesita em recorrer à transgressão, à vulgaridade e à violência. Existe, enfim, a possibilidade de serem propostos e defendidos, através dos *media*, modelos de desenvolvimento que, em vez de reduzir, aumentam o desnível tecnológico entre países ricos e pobres.

3. A humanidade encontra-se, hoje, numa encruzilhada. Vale também para os *media* aquilo que escrevi, na encíclica *Spe salvi*, sobre a ambigüidade do progresso, que oferece inéditas potencialidades para o bem, mas ao mesmo tempo abre possibilidades abissais de mal que antes não existiam (cf. n. 22). Por isso, há que interrogar-se se é sensato deixar que os instrumentos de comunicação social se ponham a serviço de um protagonismo indiscriminado ou acabem em poder de quem se serve deles para manipular as consciências. Não se deveria, antes, fazer com que permaneçam a serviço da pessoa e do bem comum e favoreçam "a formação ética do ser humano, o crescimento do ser humano interior" (*Spe salvi*, n. 22)?

A sua influência extraordinária na vida das pessoas e da sociedade é um fato amplamente reconhecido, mas hoje há que pôr em evidência a viragem, diria mesmo a mudança verdadeira e própria de função, que os *media* estão enfrentando. Hoje, de modo sempre mais acentuado, a comunicação parece, às vezes, ter a pretensão não só de apresentar a realidade, mas também de determiná-la graças à capacidade e força de sugestão que possui. Constata-se, por exemplo, que, em certos casos, os *media* são utilizados não para um correto serviço de informação, mas para "criar" os próprios acontecimentos. Essa perigosa alteração da sua função é vista com preocupação por muitos pastores.

Exatamente porque se trata de realidades que incidem profundamente em todas as dimensões da vida humana (moral, intelectual, religiosa, relacional, afetiva, cultural), estando em jogo o bem da pessoa, impõe-se reafirmar que nem tudo aquilo que for tecnicamente possível é eticamente praticável. Por isso o impacto dos meios de comunicação sobre a vida do ser humano contemporâneo coloca questões inevitáveis, que aguardam decisões e respostas não mais adiáveis.

4. O papel que os instrumentos de comunicação assumiram na sociedade já é considerado parte integrante da questão antropológica, que surge como desafio crucial do terceiro milênio. De modo semelhante ao que se verifica no setor da vida humana, do matrimônio e da família e no âmbito das grandes questões contemporâneas relativas à paz, à justiça e à defesa da criação, também no setor das comunicações sociais estão em jogo dimensões constitutivas do ser humano e da sua verdade. Quando a comunicação perde as amarras éticas e se esquiva ao controle social, acaba por deixar de ter em conta a centralidade e a dignidade inviolável do ser humano, arriscando-se a influir negativamente sobre a sua consciência, sobre as suas decisões, e a condicionar em última análise a liberdade e a própria vida das pessoas.

Por esse motivo é indispensável que as comunicações sociais defendam ciosamente a pessoa e respeitem plenamente a sua dignidade. São muitos a pensar que, nesse âmbito, seja atualmente necessária uma "info-ética", tal como existe a

"bio-ética" no campo da medicina e da pesquisa científica relacionada com a vida.

5. É preciso evitar que os *media* se tornem o megafone do materialismo econômico e do relativismo ético, verdadeiras pragas do nosso tempo. Ao contrário, eles podem e devem contribuir para dar a conhecer a verdade sobre o ser humano, defendendo-a em face daqueles que tendem a negá-la ou a destruí-la. Pode-se mesmo afirmar que a busca e a apresentação da verdade sobre o ser humano constituem a vocação mais sublime da comunicação social. Usar para tal fim as linguagens todas e cada vez mais belas e primorosas de que dispõem os *media* é uma tarefa grandiosa, confiada, em primeiro lugar, aos responsáveis e operadores do setor. Mas tal tarefa, de algum modo, diz respeito a todos nós, porque todos, nesta época da globalização, somos utentes e operadores de comunicações sociais.

Os novos *media*, sobretudo telefonia e Internet, estão a modificar a própria fisionomia da comunicação, e talvez esta seja uma ocasião preciosa para redesenhá-la, ou seja, para tornar mais visíveis, como disse o meu venerado predecessor João Paulo II, os traços essenciais e irrenunciáveis da verdade sobre a pessoa humana (cf. carta apostólica *O rápido desenvolvimento*, n. 10).

6. O ser humano tem sede de verdade, anda à procura da verdade; demonstram-no nomeadamente a atenção e o sucesso registrados por muitas publicações, programas ou filmes de qualidade, onde são reconhecidas e bem apresentadas a verdade, a beleza e a grandeza da pessoa, incluindo a sua dimensão religiosa. Jesus disse: "Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará" (Jo 8,32). A verdade que nos torna livres é Cristo, porque só ele pode corresponder plenamente à sede de vida e de amor que está no coração do ser humano. Quem o encontrou e se apaixona pela sua mensagem, experimenta o desejo irreprimível de partilhar e comunicar esta verdade. Escreve são João (1Jo 1,1-3):

> O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos, o que tocamos com as

> nossas mãos acerca do Verbo da Vida, é o que nós vos anunciamos [...], para que estejais também em comunhão conosco. E a nossa comunhão é com o Pai e com seu Filho, Jesus Cristo. Escrevemos tudo isto para que a vossa alegria seja completa.

Invocamos o Espírito Santo para que não faltem comunicadores corajosos e testemunhas autênticas da verdade que, fiéis ao mandato de Cristo e apaixonados pela mensagem da fé,

> saibam tornar-se intérpretes das exigências culturais contemporâneas, comprometendo-se a viver esta época da comunicação não como um tempo de alienação e de confusão, mas como um período precioso para a investigação da verdade e para o desenvolvimento da comunhão entre as pessoas e entre os povos (João Paulo II, discurso no congresso *Parábolas mediáticas*, 9 de novembro de 2002).

Com esses votos, afetuosamente concedo a todos a minha bênção.

Vaticano, 24 de janeiro —
Festa de São Francisco de Sales — de 2008.

**Bento XVI**

# AGO – Assembléia Geral Ordinária e AGE – Assembléia Geral Extraordinária

Aconteceu!

No dia 7 de março, no Centro de Convenções "Israel Pinheiro", em Brasília, a CRB Nacional viveu dois momentos bem significativos para toda a VR. Conforme editais de convocação, na parte da manhã aconteceu a Assembléia Geral Ordinária, contando com a presença dos(as) superiores(as) gerais, dos(as) presidentes das seções regionais e/ou seus(suas) delegados(as). Nessa AGO fez-se a apresentação, apreciação e aprovação do Relatório Financeiro de 2007 e do Relatório de Atividades do segundo semestre do mesmo ano.

Na abertura, a irmã Márian Ambrósio, dp, presidente da Nacional, acolheu a assembléia com carinho, já agradecendo a adesão de todos(as) que vieram, das mais distantes às mais próximas regiões, somar forças. Ela apresentou a diretoria, os representantes dos conselhos Superior e Fiscal; destacou os(as) presidentes das vinte seções regionais ou seus(suas) delegados(as), bem como a Assessoria Executiva Nacional, e comunicou que na sala ao lado encontravam-se reunidos os membros das Equipes de Reflexão Bíblica, Psicológica e Teológica.

Compôs a mesa com os membros da diretoria que assumiram a coordenação dos trabalhos.

No segundo momento do dia, na parte da tarde, aconteceu a AGE – Assembléia Geral Extraordinária, que se ocupou da análise e votação do estatuto civil, que teve alguns artigos modificados por uma comissão organizada pela diretoria, artigos que dizem respeito à transferência da sede nacional

do Rio de Janeiro para Brasília e a outros encaminhamentos que agilizam a caminhada da Conferência.

Na sua fala, irmã Márian expôs todo o processo de transferência da sede, o que já se fez, o que está acontecendo e o que se pensa para futuro.

Os assuntos tratados nas duas assembléias foram aprovados por unanimidade.

Os dias 7, 8 e 9 de março de 2008 tornaram-se dias históricos para a CRB Nacional, pois pela primeira vez os membros das equipes de Reflexão Bíblica (ERB), Psicológica (ERP) e Teológica (ERT) se reuniram com o objetivo de partilhar a caminhada como responsáveis por essas áreas na CRB através do seminário interdisciplinar *Vida Religiosa: tendências e perspectivas*. Os objetivos do seminário foram: promover e cultivar integração entre diretoria, assessoria executiva e as três equipes; e proporcionar elementos para a elaboração de um plano de ação para o biênio 2008-2010, em vista da animação da Vida Religiosa. O seminário esteve sob a coordenação da irmã Vilma Maria Moreira, fi — membro da diretoria nacional —, padre Márcio Fabri dos Anjos e irmã Vera Ivanise Bombonatto, ambos da ERT. Logo no início, às 8h30, a irmã Márian Ambrósio, dp —presidente nacional —, deu as boas-vindas, falando da sua alegria e gratidão em ver o grupo reunido para aquele trabalho. Na sua fala, expôs o processo que envolve a transferência da sede CRB Nacional do Rio de Janeiro para Brasília, conforme decisão na XXI Assembléia Geral Extraordinária, acontecida em julho de 2007. Lembrou o que já havia tido oportunidade de expressar em outros momentos — vivemos a *sede* de água que jorra e produz vida e a realidade de transferência da *sede*. Essas duas palavras, escritas de forma idêntica, soam de modo diverso, exigindo flexibilidade e determinação na condução de cada um dos processos. Com a invocação ao Espírito Santo, os trabalhos foram iniciados sintonizando com a Assembléia que também iniciava. O passo seguinte

foi o de uma apresentação, em que cada membro falou um pouco de si e das expectativas como equipe individual e em conjunto com as demais, bem como o novo que se apresenta com a transferência da sede nacional. A maior parte do tempo foi dedicada ao aprofundamento da compreensão do horizonte motivador para o triênio 2007-2010:

> Em meio às profundas transformações e aos grandes desafios que envolvem a humanidade hoje, ouvimos a Palavra de Deus que nos interpela: avancem (Ex 14,15). Acolhemos esta Palavra como discípulas e discípulos de Jesus Cristo, na mística da encarnação e no testemunho profético a serviço da vida, especialmente a dos pobres e excluídos, partilhando, com espírito missionário, a razão de nossa esperança (1Pd 3,15).

Os dias foram de uma riqueza incalculável! Poderemos partilhar dessa riqueza nas próximas edições da revista *Convergência*, que trará artigos com os conteúdos abordados.

# CONFIAR – Conselho para Formação, Integração e Animação das Regionais

Aconteceu nos dias 5 e 6 de março o primeiro encontro só para as(os) presidentes das vinte seções regionais da CRB. O evento se realizou no Centro de Convenções "Israel Pinheiro", em Brasília. Teve início dia 5, às 8h15, com a acolhida da diretoria nacional, na pessoa da irmã Maria do Disterro Rocha Santos, fcim, que falou da alegria da diretoria em acolher a todas(os). O momento era de um profundo compromisso com a vida que acontece nas regionais de onde cada um(a) veio.

Dentro do contexto da oração feita anteriormente, irmã Márian pediu que a diretoria entregasse às(aos) participantes o *banner* do horizonte e prioridades do triênio 2007-2010.

Após a apresentação das vinte seções regionais, o grupo se manifestou, sempre enriquecendo, questionando e sugerindo.

À noite, o grupo visitou a nova sede da CRB Nacional, demonstrando sensibilidade com a simplicidade do local e o improviso que se vive nesse momento de transferência.

Além da partilha sobre a realidade vivida em cada Regional, o grupo trabalhou sobre as principais necessidades do momento, em relação ao aprofundamento do horizonte e das prioridades da CRB para o triênio 2007-2010, redigindo uma proposta a ser entregue ao seminário interdisciplinar que se realizaria imediatamente após o encerramento do evento. A proposta solicitou especial atenção, durante os próximos anos, a formadoras e formadores.

Esse também foi um tempo forte da graça de Deus e do compromisso bonito e edificante dos(as) participantes que ajudam a acontecer a vida lá nas bases.

# Mística de "encarnação". Uma meditação sobre o horizonte

Luiz Carlos Susin, ofmcap*

## *Encarnação numa "mudança de época"*

"Encarnação" significa situar-se "de carne e osso" de forma "localizada". É "encorpar", tornar-se corpo. E "corpo" — ou "encorporação" — porta consigo alguma estabilização, determinação, limitação, definição, fidelidade a um lugar e a um tempo. É exatamente o que este tempo de transformações extremas "não é" e nem pretende ser: estamos em tempos meteorológicos! Por isso uma espiritualidade de "evaporação", mais conectada com os cenários meteorológicos cambiantes do que com a terra firme, parece estar mais afinada com os tempos que vivemos.

Uma espiritualidade de "corpos leves", simbolizados pelos *top models* quase anoréxicos, ou o retorno de corpos carregados de símbolos e tatuagens que são sua negação, e a ânsia de uma realidade "desencarnada", livre de peso, que transporte para um mundo de imagens, de espetáculo, de performances, mesmo dramáticas, mas que permitem desligar a luz no final, tudo isso parece ter mais "sucesso".

É a leveza da pós-modernidade ou hipermodernidade constituída de tecnologia que oferece próteses ao corpo, de mercado que oferece consumos desnecessários e mórbidos, mas desejáveis, e de individualismo narcisista que não vê os corpos dos outros. "A profundidade está na pele"(Gilles Lipovetsky).

No entanto, "tu não quiseste sacrifício e oferenda. Tu, porém, formaste-me um corpo [...] Por isso eu digo: 'Eis-me

* **Frei Luiz Carlos Susin** é licenciado em Filosofia e doutor em Teologia pela Universidade Gregoriana de Roma. Professor de Teologia na PUC-RS e na Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana em Porto Alegre. **Endereço do autor:** Rua Juarez Távora, 171, Vila João Pessoa, cep 91520-100, Porto Alegre-RS, tel: (51) 3315-0312. E-mail: lcsusin@pucrs.br.

aqui — no rolo do livro está escrito a meu respeito — eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade'" (Sl 40,7-9 [LXX]; Hb 10,5-7). Nestes tempos de mudança de época, "encarnação" é um acontecimento profético, já é por si mesmo um testemunho profético, um sinal "em contramão" ou "em contracorrente": sinal alternativo, avesso, não conformista. Expor-se afirmando "eis-me" antes de afirmar "eu" é desnudar-se, libertar-se e passar por uma experiência pascal do próprio corpo.

## *Palavra e encarnação*

Conforme o salmo profético acima, o acontecimento de encarnação começa com a visita surpreendente e incontornável da Palavra que, desde a sua autoridade criativa, anterior à existência, vocaciona, chama assinando, marcando corporalmente a uma inevitável exposição de si, a uma missão, e que já era proferida antes desta existência corporal — no rolo do livro.

Descobrir-se "corpo" é descobrir-se exposto, vulnerável ao chamado, lugar de liberdade em relação a sacrifícios e oferendas que já não valem mais a pena, e de verdadeiro "holocausto" através do cumprimento "corporal" da vontade que visita e reveste de sentido e direção esta condição corporal não neutra. Ser corpo em processo de encarnação é já dizer corporalmente a resposta à Palavra no pronome bíblico por excelência: "Eis-me aqui", primeira palavra, antes de qualquer palavra que sai da boca e que se pode controlar, auto-exposição.

"Aqui", situado num tempo presente e num lugar de inserção física, contextual, "parcial" como a opção pelo lugar dos pobres, limitador e ao mesmo tempo lugar de encontros face a face, presente diante de outros de carne e osso, lugar criatural — "formaste-me um corpo".

Esta é a aventura dos discípulos e discípulas da Palavra de Deus, de Jesus: encarnação pascal, seio de nutrição e plataforma de habitação para que outros encontrem repouso e vida.

## *Encarnação como* kénosis *e* exousía

Encarnação, este "surgir" formado a partir da palavra e da face de outro, desde uma relação que clama por este "aparecer" já vocacionado, supõe, internamente, o seu avesso: o esvaziamento, um movimento de *kénosis*. Nesta flexibilização e movimento de perda e esvaziamento há, agora sim, alguma analogia com os tempos que vivemos. A perda de paradigmas, de padrões, de poder institucional, de estabilidade, concorrem para uma "espiritualidade do vazio", ou, em outras palavras, da deposição da soberania e da soberba, do destronamento do sujeito forte, sobretudo cartesiano e alojado na racionalidade de "distinto senhor", de seus poderes, suas verdades, sua privacidade.

Também para Deus o evento de "encarnação" segue o caminho da renúncia e do despojamento, do não prevalecer-se. Pode-se ler com renovado proveito, aqui, Fl 2,6-8: a *kénosis* como movimento interno da Trindade na renúncia e no serviço, na obediência até a morte — e morte de cruz. Encarnação, para Deus, tem um preço tão valioso como o próprio Deus é valioso: seu "aniquilamento" em dois movimentos:

a) o movimento de auto-renúncia, de abertura de si e de despojamento, numa direção contrária àquela inspirada pelos heróis retratados pela literatura grega. Os heróis ousam sair dos limites humanos e desafiam a divindade tentando agarrar para o humano o que é próprio do divino. Mas o Filho de Deus abre mão do que era de direito para tomar o corpo de "servo" e, assim, servidor dos humanos, torna-se verdadeira e plenamente humano — como servidor, ou seja, não centrado em si, pois nele um "vazio" de si lhe dá condições de inclinar-se e fazer substitutivamente para outros um serviço que dá aos outros consistência e dignidade: ele se inclina para lavar os pés, para curar, para a fadiga do ensinamento. É reconhecido, assim, como "servo que carrega as enfermidades" e como verdadeiramente "humano", definindo de forma não neutra o que seja, real, substancial

e paradoxalmente, o "humano": um servidor, um cuidador.

b) Mas há um segundo nível, tremendo, da encarnação como *kénosis*: sujeito de forma implacável aos ataques e à agressão de outros, ele não desvia o rosto. Por isso a *kénosis* tem um movimento de descida ao horror humano, ao caos, aos infernos: a perseguição, a conspiração, o sofrimento cada vez mais físico, o abandono, a cruz maldita. E a mais profunda e pura fidelidade, a transfiguração da cruz.

Este é o modelo da encarnação pelo caminho da *kénosis*. É o caminho do "anti-herói", a aceitação do despojamento, da solidão, do fracasso até o fim. Numa cultura de indicadores do "sucesso", este caminho de encarnação pela *kénosis* se torna uma profecia dramática e carregada de conseqüências.

A aceitação da fragilidade da encarnação, no entanto, não é a fraqueza da covardia: à *kénosis* é necessário acrescentar, como o outro lado da moeda, a *exousía*. De Jesus emanava um poder que a todos curava; sua palavra era de tal autoridade que o povo ficava extasiado, pendurado em seus lábios; e suas atitudes de profeta irado causaram temor. Ele se levantou como a galinha para defender e abrigar seus filhotes. Ele renunciou ao poder como idolatria, privilégio de impor-se reduzindo os outros ao sacrifício, mas sua *exousía*, sua autoridade e poder de transformação, criou espanto e esperança, escândalo e entusiasmo. Assim, venceu sem causar vencidos, sem pisar sobre cadáver de outros.

Podemos, desse modo, juntar e resumir a encarnação como *kénosis* e como *exousía*: trata-se de assumir uma comunhão e uma missão de solidariedade, que dão a medida generosa tanto do despojamento como do poder em vista da diaconia.

## *Encarnação como "co-encarnação"*

Ensaiando um neologismo, podemos lembrar, aqui, que, para Jesus, para Deus, a "paixão" — ardor apaixonado e sofrimento ardoroso — começa, na verdade, na "*com*-paixão",

na vulnerabilidade à ferida de outros, na cura assumindo a ferida: se, por um lado, o curador só pode curar sendo saudável, ele só cura sem violência, "homeopaticamente", se aceita ser ferido e portar as feridas de outros. É o enigma antropológico do "curador ferido", do servo que carrega as enfermidades de outros e assim os salva, conforme o ensinamento de Is 53, que Mateus não aplica somente à paixão e morte de Jesus, mas, antes ainda, à sua missão de cuidado, de cura e libertação (cf. Mt 8,16-17).

A "co-encarnação" tem um lado perigoso, portanto, e até ameaçador. Numa vila pobre de Porto Alegre, um agente de pastoral desabafava em certo momento o risco e a ameaça do narcotráfico diante de sua atuação "encarnada" na pastoral da vila: "Os caras *encarnaram* em mim!". Ou seja, começaram a vigiar, a não deixar em paz, a tornar-se um verdadeiro "encosto", justamente o "encosto" que transfere agressividade, toma como vítima expiatória, e que cria freqüentemente os encostos de fantasia, os "demônios".

Expor-se em vulnerabilidade, permitir que outros "encarnem" na gente, carregar outros no colo, no seio — para isso serve o "vazio", justamente como o vazio do seio materno que carrega o peso de outro e nutre quem lhe pesa. Mas é pesado, e freqüentemente os próprios gemidos de misericórdia se tornam lamentos e tristeza, e até gritos de indignação, participação na "ira" por um mundo justo.

A "co-encarnação", no entanto, é a experiência de algo mais: a solidão que carrega o mundo nas costas é humanamente impossível se neste instante também o Espírito não está em con-*kénosis*, Espírito de paciência e de fortaleza, *shekiná* que preserva o poder e a autoridade da verdade e da paciência, da diaconia lá onde ela já parece impossível. Seria presunção e pretensão de um "heroísmo ao avesso" carregar o mundo às costas.

Jesus mesmo convidou uma comunidade de amigos e amigas a estar com ele, e partilhou sua encarnação, convidou a andar pelo mesmo caminho. Como no caso do samaritano, convém andar com algum óleo e algum dinheiro, com recurso que pode ajudar no caminho, com liberdade para

romper limites quando se trata de compaixão, mas também, *in extremis*, carregando a cruz.

Co-encarnação é a confiança de que em comunidade, em comunhão, a encarnação é humanamente possível.

## Os "motivos" da encarnação

A mística da encarnação, suscitada pela Palavra, com dimensão profética em tempos de "desencarnação", poderia, no entanto, cair doente, torna-se patológica. Sua dimensão *kenótica* poderia sugerir formas negativas de espiritualidade e uma visão sacrifical mágica e sem eficácia real. Convém lembrar a grande discussão escolástica sobre os motivos da encarnação e entendê-los desde as decorrências da encarnação, porque, conforme as distintas compreensões, há distintas conseqüências.

Em síntese: santo Anselmo, em *Cur Deus homo* — porque Deus se faz humano — responde que a encarnação foi devida ao pecado humano. Sem o pecado não haveria necessidade de redenção e, portanto, seria inútil a encarnação. Mas o pecado ofendeu a honra divina, que só poderia ser reparada por alguém divino assumindo o lugar do humano, salvando, assim, a criação, o humano, e também a justiça e a devida honra a Deus. Tudo isso tem um contexto feudal e humano de justiça, como saldar dívida *inter pares*: só alguém da mesma altura pode saldar a honra.

Esse "necessitarismo" não foi aceito por Tomás e Boaventura, que, no entanto, aceitam como "conveniente" tal resposta, até porque a reparação através da paixão e morte do Filho provoca em nós mais fervor!(Boaventura).

Duns Scoto, porém, mostrou como a pergunta está malfeita: não devemos perguntar "se o ser humano não tivesse pecado, Deus se encarnaria?", que torna a resposta "pecadocêntrica". A pergunta correta tem de ser, logicamente, "teocêntrica", com precedência divina, assumindo o ponto de vista de Deus: que significa para Deus a encarnação do Filho? A resposta é ampla, começa na criação e vai até a glorificação escatológica, e se torna, portanto, "doxacên-

trica": o Filho de Deus é quem dá plena glória — é a *doxa* — a Deus e seus desígnios, sempre maiores do que o pecado humano.

Nessa glória inderrotável, a criação ganha sua própria glória. Somente dentro do horizonte da glorificação se entende corretamente a redenção do pecado e da morte: para que a glória seja real, plena, é preciso "também" a redenção do que se extraviou, do pecado, da lei e da morte. Porém mesmo sem pecado e até mesmo sem morte a encarnação não só é desejável e possível, mas é sempre a grande obra da criação e da glorificação. Em poucas palavras: é para a maior glória de Deus, glorificado na criação, é para o Reino de Deus que a encarnação é o grande desígnio do amor criador de Deus.

Desta segunda compreensão decorre uma saudável e segura "mística da encarnação". Se vivermos a convicção de Anselmo, "pecadocêntrica", seremos místicos que têm uma visão pessimista em relação aos outros e a nós mesmos, e até sádica em relação a Deus — que não abre mão da honra lavada, com perdão mediante permuta, sangue, morte. E a compaixão terá algo de mórbido: parece que nos comprazemos na miséria, pois sem ela perderíamos a razão de ser. O "pecadocentrismo" sobrecarrega de culpabilidade e desborda a possibilidade de responsabilidade, jogando a espiritualidade no fatalismo.

"Há fracassos sem culpa", diz uma canção, e há também responsabilidades que não dependem de sermos culpados por algum erro.

Mas se assumirmos a mística da encarnação com as motivações de Duns Escoto — que hoje ganha amplo consenso na teologia cristã — então a grande razão da encarnação, da *kénosis*, da co-encarnação, com todos os riscos e dores, é, na verdade, a confiança na bondade da criação. Tal confiança e tal visão positiva da criação são mais profundas do que todo pecado: destinação à glória apesar dos desvios de caminho, e o reconhecimento de que esta glória já refulge na face da criação, no face a face e em toda carne.

Portanto, há uma possibilidade de experiência real da glória em toda encarnação, de bondade e de beleza em meio à

"favela do humano", como a flor de lótus que não teme o pântano, o humano que se levanta do húmus e contempla as estrelas abraâmicas.

Se Deus "não temeu o seio de uma virgem" — *non abhorruit virginis uterum* (*Te Deum*) — aceitar a fragilidade da encarnação sob a paradoxal luz da glória divina é vocação de toda consagração humana.

## *Algumas conseqüências para a Vida Religiosa Consagrada*

Este horizonte é a prova, o critério, a espada no âmago que separa o essencial, para que uma vida religiosa não seja religiosa "em geral", mas realmente "cristã". Tem conseqüências no atual percurso da VRC, que deve avançar em tempos de *stress*, de extravios, de transformações profundas.

A VRC está chamada a novas inculturações, com a surpresa das belezas que toda vida oferece e também com a aceitação e igual acolhimento dos limites e da pobreza que as culturas de carne e osso podem oferecer.

A VRC está chamada a renovar seu conatural lugar entre os pobres, como opção pelos pobres e solidariedade de todas as formas com esta centralidade escandalosa da missão e com o ponto de vista de Deus manifestado em Jesus.

A VRC está chamada a assumir a diversidade concreta do humano em sua carne, com as parcialidades concretas, com a riqueza e os riscos de conflitos a que a diversidade e o pluralismo expõem.

A VRC está chamada a superar velhas e novas formas de dualismo. O Espírito não se manifesta "espiritualizando", mas possibilitando encarnação, pois seu contrário não é a matéria, o corpo, e sim a degradação e a morte. Sua glória e sua experiência são a da transfiguração pascal de nossos corpos. A carne é o eixo da salvação, afirmava Tertuliano diante do gnosticismo dualista.

A VRC está chamada a amar a criaturalidade, o mundo como casa de Deus, e todas as formas de vida como glo-

rificação divina. Portanto, é conatural à sua encarnação a mística ecológica e a defesa da criação.

A VRC está chamada a ir ainda mais longe: a reconhecer no pão feito de trigo e no vinho feito de uvas um mundo que é "corpo de Deus", matéria feita Eucaristia, por isso a espiritualidade eucarística é o coração do mundo e na Eucaristia resplandece toda a vida do mundo.

### *Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade*

1. Que faz um "corpo" e uma "encarnação" ser algo verdadeiramente "humano"?
2. Quais os processos e os riscos de encarnação?
3. Quais os motivos da encarnação?

# "Escolhe, pois, o caminho da vida": reflexões teológicas

Antônio Moser, ofm*

O tema e o lema da Campanha da Fraternidade do corrente ano de 2008 não poderiam ser mais oportunos. Sob qualquer ângulo que se queira analisar a realidade existencial de nossos dias, dificilmente se escapa da estranha sensação de que nos encontramos numa encruzilhada decisiva: ou todos juntos passamos a trilhar o caminho da vida, ou todos sentiremos cada vez mais os apelos da morte.

Por um lado, os avanços na linha dos conhecimentos e das tecnologias apontam para possibilidades sem precedentes de garantir a todos melhor qualidade de vida e maior longevidade. Por outro, ampliam-se e aprofundam-se cada vez mais as expressões da morte. A multiplicidade de reportagens sobre o denominado "efeito estufa" colocam em maior evidência apenas uma das muitas ameaças que pesam sobre todas as formas de vida na terra.

Mas, para melhor perceber o paradoxo que estamos vivendo, é preciso levar em conta ainda outro dado: passou a época das grandes utopias. Seu lugar foi sendo sempre mais ocupado por um materialismo pragmático, com todos os malefícios daí decorrentes. Desta forma vai-se estabelecendo um novo paradoxo entre o vazio existencial e a desesperada busca de algo que possa preencher este vazio. É bem verdade que, por vezes, essa busca se manifesta mais por um vago misticismo do que por uma espiritualidade que transforme a maneira de pensar, de agir e de viver. Assim mesmo este não deixa de ser um fato notável.

É na direção de uma espiritualidade consistente que a VR e a Igreja no seu todo, inspiradas na Palavra de Deus e em suas

* **Frei Antônio Moser** é doutor em Teologia Moral. Professor de Teologia. Autor de vários livros. **Endereço do autor:** Caixa Postal 90023, cep 25689-900, Petrópolis-RJ.

experiências multisseculares, julgam poder e dever apresentar sua contribuição para que o caminho escolhido pela humanidade seja, de fato, o da vida e não mais o da morte.

## *Quando a felicidade se torna uma quase-obsessão*

A busca da felicidade sempre foi e sempre será uma profunda aspiração humana. O que se constata hoje não é, portanto, uma novidade, mas uma questão de acento. Até um passado não muito distante, o sonho de felicidade não excluía ascese e até mesmo sacrifício pelos outros e, sobretudo, por uma causa. Esses componentes parecem haver desaparecido e a felicidade, conjugada com facilidade, passou a ser uma quase-obsessão. Daí a importância de pontualizar melhor em que consiste a felicidade e quais os pressupostos para que ela não se confunda com prazer momentâneo e fugaz.

### Deus nos criou para sermos felizes... mas a partir de certos pressupostos

Ao decantar, em linguagem poética e simbólica, as maravilhas da criação, os dois primeiros capítulos do Gênesis ressaltam que os planos originais de Deus são de felicidade e não de desgraça; de realização e não de frustração; de vida e não de morte. Através das mais diversas espécies de sementes (Gn 1,11.29), que carregam no seu seio um complexo e poderoso código secreto, a vida deveria multiplicar-se, renovar-se e perpetuar-se.

Ao homem e à mulher, conjugando masculinidade e feminilidade, racionalidade e ternura, individualidade e sociedade, foi confiada a administração de todas as coisas, desde que esta se efetuasse com sabedoria. Essa administração sábia, contudo, só poderia ser efetuada na medida em que os seres humanos descobrissem e respeitassem o sentido profundo de todas as coisas, a começar pelo sentido da sua própria existência. Criados à imagem de Deus, eles deveriam a ele fazer-se semelhantes por uma certa

maneira de autocompreender-se, de gerenciar sua vida e gerenciar todas as coisas.

Assim, percebe-se logo que os referidos relatos da criação sinalizam ao mesmo tempo a possibilidade de êxito e de fracasso. Êxito ou fracasso vão depender de como os seres humanos se colocam no universo: como criaturas de Deus, em comunhão com ele e com as demais criaturas, ainda que com uma missão especial, ou com pretensões prometéicas de ocupar o lugar do Criador. Ilusórias promessas de "serem como deuses" encontram-se na raiz de todos os pecados e são sempre a causa última da expulsão do paraíso.

Tudo isso vem descrito de maneira plástica através de dois símbolos: o de duas árvores que se encontram no centro do Jardim de Delícias. A primeira árvore recebeu o nome de "árvore da ciência do bem e do mal". A segunda é chamada "árvore da vida". É de notar que tudo contribuía para que os seres humanos se sentissem felizes: eles viviam em comunhão com o Criador, consigo mesmos e com todas as criaturas. Entretanto, o preço da felicidade consistia exatamente nisto: descobrir e ao mesmo tempo respeitar o mistério que cerca o Criador e as criaturas.

Tanto o Criador quanto as criaturas, ao mesmo tempo que revelam algo daquilo que são, velam o mistério da sua identidade mais profunda. É este ar de mistério que fascina, podendo o fascínio conduzir a uma atitude de reverência profunda, ou então a uma atitude de prepotência, como se os seres humanos fossem senhores e não apenas administradores.

Ainda que possa haver interpretações diferentes sobre esses simbolismos, seguramente eles nos oferecem algumas certezas de vital importância para nosso bem-viver. Assim, ao dizer que os seres humanos foram expulsos do paraíso por apropriarem-se dos frutos da árvore do bem e do mal, os autores sagrados não alimentam nenhum tabu nem oferecem guarida para qualquer espírito anticientífico, como se o conhecimento fosse responsável pelos desvios humanos.

Através de uma imagem tão ligada ao cotidiano, os autores deixam claro que a questão não se encontra em conhecer ou não conhecer, mas em saber colocar-se diante daquilo que se conhece. A vida só poderá florescer na medida em que, a partir da descoberta do sentido mais profundo de cada uma e de todas as criaturas, os seres humanos souberem discernir seu lugar e sua missão.

## Arrogância, reducionismo e mecanização da vida: três grandes tentações

Nunca, como hoje, os frutos da árvore da vida se mostraram ao mesmo tempo mais fascinantes e mais ameaçadores. As ameaças não vêm, evidentemente, das ciências e das tecnologias consideradas em si mesmas. Essas podem constituir-se em instrumentos preciosos para desvendar e melhor usufruir das maravilhas da criação. As ameaças vêm das ideologias e do espírito de dominação que muitas vezes marcam certos segmentos do denominado meio científico, e que pela mídia determinam o pensamento das multidões. A arrogância e a prepotência transparecem, antes de mais nada, em certas afirmações categóricas feitas em nome das ciências, mas que no fundo não passam de meras hipóteses, ou, no máximo, de teorias.

Enquanto há poucas décadas se presenciava um movimento generalizado de dessacralização, hoje, em pleno século XXI, se percebe um movimento inverso. Em certos setores da sociedade, indo na contramão da história e do princípio básico da cientificidade, a palavra "científico" transformou-se numa espécie de ídolo diante do qual todos devem dobrar os joelhos. Enquanto o princípio da cientificidade aponta para a provisoriedade de todas as conquistas, o cientificismo tende a absolutizar o que, por definição, é relativo e provisório. Enquanto a verdadeira ciência aponta para a complexidade de todos os mecanismos vitais, com uma multiplicidade de dimensões complementares, o cientificismo reduz tudo ao plano genético e biológico.

Outro ângulo preocupante se manifesta na crescente tendência de mecanizar tudo, até a vida, tanto na sua fase inicial quanto na sua fase final; tanto em termos dos processos artificiais de transmissão quanto no de seleção de certas características, que fecham o acesso à vida aos que não se adaptariam aos padrões arbitrariamente estabelecidos pelos detentores do biopoder. De fato, em nome dos direitos da mulher e em nome do progresso das ciências, acobertados por uma linguagem cuidadosamente burilada para esconder os reais objetivos, há os que acabam justificando desde o abortamento puro e simples até a interrupção da gestação através da indevidamente denominada pílula do dia seguinte.

No que se refere à fase final da vida, a mesma prepotência ora antecipa a morte, pela eutanásia, ora prolonga artificialmente uma vida em fase terminal pela distanásia, impedindo que a natureza siga seu curso normal.

Com isso fica evidente que os mesmos conhecimentos e as mesmas tecnologias se revelam carregados de ambivalência. De fato, dependendo da inspiração de fundo, tais conhecimentos e tais tecnologias tanto podem ser colocados a serviço da vida quanto da morte. Colocam-se a serviço da vida os conhecimentos e tecnologias que têm como pano de fundo o sentido das múltiplas manifestações da vida e a vocação humana para o amor, sobretudo diante dos que se encontram em situações de maior fragilidade.

Colocam-se a serviço da morte conhecimentos e tecnologias que são inspiradas em ideologias que se julgavam a muito superadas, mas que, de maneira mais sofisticada, ressurgem carregando em seu bojo uma verdadeira mentalidade de eugenia. É dessa forma que, em vez de um mundo solidário com os mais fracos, se cria um mundo onde só haveria lugar para os considerados mais belos e mais fortes.

## Saber discernir: eis o grande desafio do momento

Pelo que foi assinalado até aqui, já se percebe que o grande desafio com que a humanidade sempre se deparou e continua se deparando é o de saber discernir entre os conhecimentos que se conjugam com a sabedoria de vida e os conhecimentos que desviam dessa sabedoria, colocando-se a serviço da morte. Desenvolver a capacidade de discernir torna-se, hoje, mais do que nunca, um imperativo fundamental para o bem-viver. Isto ao menos por duas razões. A primeira razão encontra-se na linha de uma inaudita convergência de ciências que se conjugam para oferecer um volume nunca imaginado de conhecimentos sobre os mecanismos mais secretos da vida.

A grande arrancada nesse sentido aconteceu com o Projeto Genoma Humano, desenvolvido ao longo da década de 1990 a 2000. Mas muitos foram e continuam sendo os desdobramentos no sentido de oferecer um sem-número de dados preciosos que possibilitam mergulhos cada vez mais profundos nos mistérios da vida humana e de todas as outras formas de vida. Para quem aprende a ler de maneira adequada as inúmeras informações que se ocultam no código genético, só haverá uma postura adequada: aquela de reconhecer que a complexidade desses mecanismos é tamanha que ninguém é capaz de absorver todos os dados.

Por isso mesmo a questão que se coloca sempre de novo não é a de podermos ou não prosseguir na busca de sempre novos conhecimentos. A questão vital é aquela de, a partir do que já conhecemos, sermos capazes de perceber que ainda nos encontramos apenas no início de um processo inesgotável.

De fato, a única atitude sábia diante da complexidade de trilhões de elementos que se articulam para permitir a continuidade da vida é a de reconhecer que estamos apenas começando a soletrar no livro da vida e que sua leitura mais completa demandará ainda muito maiores esforços e

muito mais tempo. Como, de maneira muito apropriada, expressaram várias personalidades por ocasião da cerimônia de encerramento oficial do Projeto Genoma Humano, estamos apenas iniciando a leitura de um livro escrito pelo próprio Criador. É justamente por ter sido escrito pelo próprio Criador que somente quem dele se aproximar de maneira reverente é capaz de agir com sabedoria.

Mas há, ainda, uma segunda razão para percebermos que os grandes desafios de hoje exigem sempre mais o cultivo da virtude do discernimento. Se a primeira razão aponta para a linha dos conhecimentos, a segunda, intimamente conjugada com a primeira, aponta para um poder de interferência humana, até a pouco impensável, nos mecanismos mais secretos da vida. Biogenética e biotecnologia são duas expressões claras de um biopoder, que ao mesmo tempo sintetiza e ultrapassa todas as outras formas de saber e de poder. Tudo leva a crer que, se os primeiros seres humanos se apoderaram dos frutos da árvore da ciência do bem e do mal, em nossos dias os detentores das biociências e do biopoder estão prestes a apropriar-se dos frutos da árvore da vida, e o fazem com grande avidez.

## *O caminho visto do alto de três montanhas*

Para quem se encontra numa planície, nem sempre é fácil entrever o caminho a ser percorrido. Assim também, para quem não se coloca à luz da revelação, nem sempre é fácil perceber a mensagem mais profunda da Palavra de Deus, da qual a Igreja é porta-voz. Por isso mesmo, para muitos se torna difícil, hoje, compreender o sentido dos Dez Mandamentos, e mais difícil ainda abraçá-los como caminho de vida. Três montanhas servem como pano de fundo para melhor compreensão do espírito das Dez Palavras: a montanha do Sinai, a montanha das bem-aventuranças e o Gólgota. Três discursos reforçam essa compreensão: o de Moisés às portas da terra prometida (Dt 30), o de Jesus na montanha das bem-aventuranças,

e o de Jesus durante a última ceia com seus discípulos, na véspera de sua morte.

## O caminho visto do alto do Sinai

Não é fácil indicar, hoje, os "mandamentos" como caminho da felicidade, uma vez que eles parecem cercear a liberdade. De fato, os Mandamentos só poderão ser devidamente compreendidos quando colocados no contexto da aliança que Deus fez com um povo no Antigo Testamento e que propõe para todos os povos na figura do Messias salvador. Assim como os casais, querendo manifestar publicamente seu amor e vontade de comprometer-se definitivamente um com o outro, promovem uma troca de alianças, assim Deus faz uma aliança de amor com um povo. É Deus mesmo quem toma a iniciativa. Sua proposta não é unilateral, mas dialogal: "Vós sereis o meu povo e eu serei vosso Deus".

Significativamente, no capítulo 19 do Êxodo, onde vem preparado o cenário para a entrega das tábuas da lei, encontram-se estas palavras: "Agora, se guardardes a minha aliança, sereis minha propriedade exclusiva dentre todos os povos" (Ex 19,5). É com tal espírito que deverão ser entendidos os Dez Mandamentos, que sinalizam o caminho da vida. Na realidade, não são obrigações, mas garantia de realização humana nesta vida e para a eternidade.

Para entender o discurso de despedida de Moisés, é preciso recordar o papel que Deus lhe outorgara, seja ao entregar-lhe as tábuas da lei, seja ao confiar-lhe a estruturação e condução do povo eleito até chegar às portas da terra prometida. Ao chegar ali, num ardoroso discurso de despedida, Moisés, de maneira magistral, recorda a vocação que Deus confiara ao seu povo e mostra por onde passam os caminhos da felicidade e da realização, tanto das pessoas quanto das sociedades. Vale a pena recordar o cerne desse discurso, ressaltando algumas palavras:

> Eis que hoje ponho diante de ti a vida e a felicidade, a morte e a desgraça. Se obedeceres aos mandamentos do Senhor teu

> Deus, [...] amando ao Senhor teu Deus, seguindo seus caminhos e guardando seus mandamentos... viverás e te multiplicarás e o Senhor teu Deus te abençoará na terra em que vais entrar... Mas se o teu coração se desviar e não escutares, se te deixares arrastar para adorar e prestar culto a outros deuses, eu vos declaro... que certamente perecereis... Escolhe a vida... amando ao Senhor teu Deus, escutando sua voz e apegando-te a ele. Pois isto significa vida para ti e tua permanência estável sobre a terra que o Senhor jurou dar a teus pais, Abraão, Isaac e Jacó (Dt 30,15-20).

## Do monte Sinai à montanha das bem-aventuranças

Já santo Agostinho observava que o Novo Testamento se encontra subjacente no Antigo e que o Antigo revela seu sentido mais profundo à luz do Novo. O que no Antigo Testamento muitas vezes aparece em forma simbólica e apontando para o futuro à luz do Novo Testamento revela sua verdadeira fisionomia em Jesus Cristo, o Filho de Deus que assumiu totalmente a condição humana. Nele se cumprem todas as promessas e nele se manifesta de maneira cabal o caminho da vida. Por isso mesmo, o que representa o monte Sinai, em termos de revelação, fica mais claro quando a montanha do Sinai e a montanha das bem-aventuranças são aproximadas.

Da mesma forma, o discurso de despedida de Moisés torna-se ainda mais significativo quando cotejado com o testamento de Jesus na última ceia. Ou seja: o fio condutor da concepção judeo-cristã no que se refere aos caminhos que conduzem à frustração ou à realização encontra-se nessas montanhas e nesses discursos.

Quer se assuma a versão de são Mateus (discurso da montanha), quer se assuma a versão de são Lucas (discurso da planície), não há dúvidas de que nele se condensa o cerne da mensagem de Jesus. É ali que, contrapondo-se à interpretação distorcida feita pelos grupos religiosos da época, Jesus resgata o verdadeiro sentido da denominada lei de Moisés. A contraposição entre o que foi dito "aos

antigos" e o "eu, porém, vos digo" quer ressaltar a mesma força libertadora que emana dos preceitos divinos. O Sinai tinha atrás de si a escravidão no Egito, a montanha das bem-aventuranças tem atrás de si a escravidão imposta pelos grupos religiosos que deveriam guiar o povo pelos caminhos da vida.

É por isso que aos raios e trovões do Sinai, significando a majestosa soberania de Deus, é preciso acrescentar a luz das bem-aventuranças. As bem-aventuranças, ao mesmo tempo que tornam mais compreensíveis as exigências radicais de Jesus para os que quiserem segui-lo, tornam mais compreensíveis todos os gestos e palavras de Jesus, como aquele que é e indica o caminho, a verdade e a vida.

## Das bem-aventuranças ao Gólgota

É importante ter muito claro que a revelação de Deus em Jesus Cristo não pode ser devidamente compreendida se nos ativermos a este ou aquele aspecto, sem uma visão de conjunto. Mas essa visão de conjunto só fica mais evidenciada quando os elementos acima lembrados forem referidos ao mistério pascal, em toda a sua extensão e em toda a sua profundidade. Concretamente, esse mistério abraça a vida, paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Embora, naturalmente, todos os evangelistas ressaltem o mistério pascal, a maneira como o apóstolo são João conduz os últimos acontecimentos da vida de Jesus põe em relevo alguns elementos que facilitam a compreensão dos múltiplos paradoxos que marcam a compreensão cristã da vida, da felicidade e da realização. Antes de mais nada, o contexto desses elementos é o da última ceia, quando Jesus sacramentaliza a "nova e eterna aliança", entregando aos discípulos seu testamento e oferecendo-lhes a Eucaristia como alimento e presença perene para não desanimarem ao longo das provações da caminhada.

Outro componente é constituído pelo lava-pés: só se realiza quem se coloca como servidor e não como senhor. Um terceiro elemento é o da centralidade do amor: "Eu

vos dou um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros. Assim como eu vos amei, amai-vos também uns aos outros. Todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros" (Jo 13,34).

Só vive quem ama; só ama quem é capaz de dar a vida pelo outro. Conjugando-se todos esses elementos, delineia-se uma trajetória totalmente fora de qualquer esquema humano para quem busca a felicidade: só pode conhecer a ressurreição e a glória quem for capaz de subir ao Gólgata abraçado à cruz. Ou seja: a felicidade não é o resultado da busca obsessiva de si mesmo e de seus interesses, mas resulta de uma mística que alivia o peso, não os fardos porém.

## *Cultivar um tríplice olhar: eis a missão da Vida Religiosa*

Uma análise um pouco mais crítica já é suficiente para afastar qualquer compreensão romântica no que se refere às relações Igreja/sociedade na história do Brasil. As aparências sempre foram do mais perfeito entendimento. Mas quando se pensa na força ideológica do racionalismo iluminista e da correspondente força da maçonaria, infiltrada em não poucas instituições aparentemente próximas da Igreja, não se pode deixar de reconhecer que as tensões entre Igreja e elite dominante não são de hoje.

É claro que em cada época as fisionomias mudam, mas a inspiração de fundo é bastante semelhante: para os iluministas de todos os tempos, a Igreja e os religiosos e as religiosas, de modo geral, são promotores de uma mentalidade obscurantista. Para enfrentar devidamente tal desafio, hoje visivelmente acentuado, talvez convenha ressaltar três aspectos da missão evangelizadora da VR no nosso contexto atual: o científico, o ético e o religioso.

### O olhar científico

Não há como não perceber um certo mal-estar existente entre certos grupos que pretendem falar em nome da

ciência e os que representam uma concepção religiosa de vida. Para perceber isso basta estar atento às manchetes e aos correspondentes comentários veiculados por uma parte da grande mídia. Esta já não mais propicia verdadeiros diálogos: em nome da ciência ela vai colaborando para o estabelecimento de dogmas mais categóricos do que aqueles atribuídos às religiões.

Ademais, em nome de um vago princípio de "laicidade", não apenas se fecham a qualquer interpelação como tentam justificar todo tipo de experiências e procedimentos no campo da biogenética. Exemplo de tal procedimento ocorreu há alguns anos, quando da aprovação da denominada Lei de Biossegurança, que precipitou decisões questionáveis tanto sob o ponto de vista científico quanto, sobretudo, ético.

É bem verdade que nunca se pode perder de vista o respeito devido aos vários campos do saber e do agir. Afinal, os vários saberes são a expressão da riqueza dos mistérios da vida e cada ciência tem seu estatuto epistemológico próprio. Como também é verdade que os representantes de uma concepção religiosa nunca poderão negligenciar as ciências, desde que estas não apresentem meras teorias ou hipóteses, mas dados comprovados.

Felizmente, nem todos os cientistas e pesquisadores se colocam da mesma maneira diante dos mistérios da árvore da vida, cujo conhecimento e cujo sabor se tornam a cada dia mais palpáveis. Até pelo contrário, são sempre mais expressivos os nomes dos que abraçam o milenar adágio do "sei que nada sei", como são numerosos os que, a exemplo de Gregor Mendel, monge considerado um marco, quando se fala em genética, ressaltam não só a possibilidade como também até a necessidade do diálogo entre ciência e fé.

É conhecida a posição de Einstein neste particular. Basta ter presente duas de suas frases que podem ser encontradas em qualquer chamada de Internet. Numa ele afirma: "Em nossa época materialista, os trabalhadores científicos sérios são os únicos homens que se conservam profundamente religiosos". Na outra: "A ciência sem religião é manca. A religião sem ciência é cega".

Em nossos dias, Francis Collins, um dos mais conceituados geneticistas e coordenador-geral de todo o grandioso Projeto Genoma Humano, ousa mesmo escrever um livro para professar sua fé: foi através do estudo profundo dos mecanismos da genética que ele encontrou a Deus.[1] Ou seja: se é verdade que não se pode dispensar o olhar científico para um melhor conhecimento da realidade, é também verdade que este olhar não exclui nem o religioso nem o ético. Melhor dizendo: os três olhares são necessários para que se possa ter uma melhor compreensão não só de uma determinada realidade, mas também do sentido desta mesma realidade.

## O olhar ético

Não há dúvida de que, ao menos teoricamente, a ética ganhou um grande impulso nas últimas décadas. Seja sob o ponto de vista estritamente filosófico, seja sob o ponto de vista religioso, as mais gritantes aberrações que ocorrem em todos os cantos da terra como que obrigam a humanidade a um repensamento total do seu modo de pensar e de ser. Basta ter presente os dramas ecológicos para constatar este novo despertar da consciência ética. Mas, com certeza, é no confronto com os desafios encontrados nos campos da biogenética e das biotecnologias que a necessidade de novas posturas éticas se torna mais e mais evidente.

São muitos os que, hoje, percebem o que há alguns anos poderia parecer a expressão de um pessimismo infundado. Se devemos decantar os progressos das ciências e das tecnologias, enquanto contribuem para a humanização, devemos também deixar claro que

> sem consciência a ciência só pode conduzir à ruína do ser humano... A nossa época, mais do que nos séculos passados, precisa desta sabedoria para que se tornem mais humanas todas as novidades descobertas pelo ser humano. Realmente, estará em perigo a sorte futura do mundo se não surgirem seres humanos mais sábios.[2]

1. *A linguagem de Deus*. São Paulo, Gente, 2007.

2. CONGREGAÇÃO PARA A DOUTRINA DA FÉ. *Instrução sobre o respeito à vida humana nascente e a dignidade da procriação. Resposta a algumas questões atuais*. Petrópolis, Vozes, 1987. p. 10. (Col. Documentos pontifícios, n. 213.)

Com isso fica claro que, além do olhar científico, justamente num mundo tão plural quanto o nosso, se torna sempre mais indispensável também um novo olhar ético, que remete para a sabedoria do bom senso. Este novo olhar ético transparece, hoje, sempre mais na bioética, ou seja, na ética que se preocupa na preservação e promoção da vida em suas múltiplas manifestações e implicações.

E aqui se abre uma perspectiva ao mesmo tempo nova e premente para a VR e todos os que abraçam uma compreensão religiosa da vida. A novidade da bioética não consiste apenas numa espécie de retoque que traz novamente à tona princípios básicos e indispensáveis para o convívio humano, tais como o respeito à autonomia, à justiça e ao bem-estar de todos. A novidade maior consiste na percepção de que, em face dos novos conhecimentos e das novas tecnologias, os desafios são tais que nenhuma pessoa e nenhuma instituição serão capazes de enfrentá-los devidamente.

Neste novo contexto, diálogo interdisciplinar e pluridisciplinar se tornou muito mais do que uma palavra da moda, transformou-se numa necessidade vital. A magnitude e a complexidade dos desafios são tais que só a união de todos em torno das grandes causas irá possibilitar a sobrevivência da humanidade e de todas as expressões da vida na terra.

Ora, é nesta altura que se percebe, por um lado, a importância da contribuição que a VR e as religiões podem oferecer para a solução dos problemas e, por outro, a oportunidade única que os portadores de uma concepção religiosa têm de fazer ouvir sua voz. Sendo mais claro: muitas portas que se fecham a um discurso estritamente religioso abrem-se, de boa vontade, para acolher as mais diversas contribuições de um discurso de cunho ético, desde que este seja atualizado.

Infelizmente, parece que nem todos compreenderam, ainda, a oportunidade histórica que está sendo aberta para um mundo realmente novo, onde não se verifica apenas progresso científico e tecnológico, mas um progresso verdadeiramente humano.

## O olhar religioso

Por mais importante que seja o olhar ético e por mais decisiva que possa ser a contribuição oferecida pela VR neste campo, é preciso dizer, com todas as letras, que os olhares científico e ético, sozinhos, ainda não serão suficientes para tornar um mundo novo possível. Esse mundo novo será impossível sem a contribuição dos que são portadores de um olhar teológico. E aqui radica um grave impasse. Em certos ambientes, Charles Darwin passou a ser o símbolo do cientista que estabeleceu uma barreira definitiva entre ciência e fé.

A pressuposição é a de que evolução e criação, no sentido bíblico do termo, se excluem de modo absoluto. No entanto, uma análise mais cuidadosa da vida de Darwin e da obra que o notabilizou irá, no mínimo, revelar que a pressuposição acima referida deve ser caracterizada como simplista, tanto de um ponto de vista científico quanto de um ponto de vista teológico.

No que se refere ao prisma científico, a já aludida complexidade que caracteriza os mecanismos que geram e sustentam todos os seres vivos descarta por si mesma tanto o acaso quanto a necessidade. A complexidade desses mecanismos é tamanha que pressupõe um plano inteligente, e este plano, por sua vez, pressupõe alguém que o estabeleceu e o sustenta.

Sob o prisma teológico, salvaguardada a atuação de Deus criador no início do processo, a evolução não apenas pode ser pressuposta como também deve ser acentuada. É que, além de os processos evolutivos serem um componente da própria definição dos seres vivos, que são gerados, nascem, crescem, amadurecem, envelhecem e morrem, é uma concepção evolutiva que mais faz perceber a grandeza e a sabedoria do Criador. Efetivamente, através da evolução ele não apenas acompanha com carinho o desenvolvimento de todos os seres vivos, mas também atribui um importante papel ao ser humano na administração e até no aprimoramento da obra criadora.

De qualquer forma, as mais modernas abordagens ligadas à física quântica nos asseguram apenas que todo o universo continua em plena expansão, como se ainda estivesse no início de sua trajetória. Em outras palavras: não só podemos e devemos sustentar uma concepção evolutiva como devemos acentuar a grandeza de um Criador que, através das leis que ele mesmo criou, não deu ainda por encerrado seu gesto criador. Ao mesmo tempo que confia na ação humana, acompanha, com carinho, sua caminhada.

## *Conclusão*

A vida, em todas as suas dimensões e manifestações, ocupa, hoje, um lugar importante nos vários noticiários. As sempre novas descobertas e os sempre renovados anúncios de perspectivas de curas quase miraculosas através da manipulação genética fazem, uma vez mais, emergir as tensões entre ciência e fé. Por trás dessas tensões existem questões pontuais relacionadas, sobretudo, com as fases inicial e final da vida humana.

Mas existem também questões mais profundas que remetem para a origem e o sentido da vida. O pragmatismo tecnológico que domina o campo das pesquisas biogenéticas procura excluir não só qualquer perspectiva ética como, sobretudo, qualquer perspectiva religiosa. Tudo o que remete para religião soa mal aos ouvidos do mundo biotecnológico.

Diante desse fato existem várias estratégias possíveis para as pessoas e as instituições religiosas, entre as quais se encontra a VR enquanto instituição. A primeira delas é fazer a política de avestruz, de quem nada ouve, nada vê, nada sente. O absenteísmo em face dos inevitáveis debates é uma estratégia suicida, mas infelizmente presente. Uma segunda estratégia é a do fechamento sobre suas certezas, deixando de lado qualquer interpelação provinda dos inegáveis avanços científicos e tecnológicos. Esse fechamento muitas vezes se manifesta através de críticas de cunho mais reacionário do que racional a tudo o que é novo.

Evidentemente, essas duas estratégias só irão acentuando ainda mais o que se constata a olho nu: a VR, como a Igreja no seu todo, estão perdendo seu tradicional protagonismo histórico. E isto é trágico.

Felizmente, vemos despontar a possibilidade de uma terceira estratégia: aquela dos que se dão conta dos inegáveis avanços em todos os campos, se alegram com eles e procuram contribuir para que tais avanços sejam realmente humanizantes. Sem dúvida, para quem conhece as três montanhas — do Sinai, das bem-aventuranças e do Gólgota —, como também os discursos de Moisés e de Jesus, não há por que silenciar. São portadores de uma mensagem de vital importância para o presente e o futuro da humanidade.

A bioética, ainda mais quando enriquecida pela perspectiva teológica já sinalizada, se constitui numa tribuna ímpar para os que querem contribuir para a construção de um mundo realmente novo. A Campanha da Fraternidade, com seu lema "Escolhe o caminho da vida", não pode ser uma campanha como outra qualquer: ela se apresenta como oportunidade rara de a VR vestir a camisa e assumir sua missão de proclamar bem alto o evangelho da Vida.

Cristo, que é o caminho, a verdade e a vida, não está morto. Porém é preciso que seja novamente apresentado não apenas aos discípulos, mas também às multidões que buscam a felicidade e nem sempre acertam o caminho.

## *Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade*

1. Você concorda com a descrição da realidade conflitiva entre Igreja e sociedade no que diz respeito às questões relacionadas com a vida?
2. Olhar a partir das três montanhas e dos três discursos parece-lhe ilustrativo em termos teológicos e pastorais?
3. Tente resumir a abordagem a partir de uma perspectiva científica, ética e teológica.

# Simone Weil: uma paixão sem fronteiras

*"Se fitarmos demoradamente o céu,*
*Deus desce e nos arrebata."*
*(Simone Weil)*

FAUSTINO TEIXEIRA*

Não é tarefa fácil tentar descrever a vida da grande pensadora e mística que foi Simone Weil (1909-1943). Como mostrou com acerto sua biógrafa e amiga, Simone Pétrement, querer apresentar uma imagem mais ou menos fiel da autora é tarefa "desesperada".[1] Só um "excepcional biógrafo" é capaz de desocultar com autenticidade a riqueza e os segredos de sua vida e desvendar seu enigma. Revelam-se sempre fragmentárias as tentativas de selecionar os aspectos mais fundamentais da sua vida, envolvida por nuances multifacetadas. O objetivo desse breve trabalho é buscar captar o traço de Simone Weil como buscadora do diálogo e apaixonada pelo mistério de Deus e do mundo, tendo como base de referência algumas biografias sobre a autora e sobretudo dois livros de sua vasta bibliografia: *Espera de Deus* e *Carta a um religioso*.[2]

No testemunho de dois amigos queridos, revela-se com muita clareza a figura de Simone Weil. Por conta de sua convivência com Simone no período em que viveu em Marselha (1941-1942), o padre dominicano Joseph-Marie Perrin a definiu como uma mulher marcada pela "sede do absoluto". Com base numa afirmação da própria Simone, o padre Perrin indica que ela foi como "a clorofila que se alimenta da luz": uma presença misteriosa e "atormentada" pelo amor de Deus.[3] O outro testemunho vem de Gustave Thibon, em cuja fazenda ela trabalhou como operária agrícola em 1941. Ele menciona que com Simone se deu o grande encontro de sua vida. Foi aos poucos sendo seduzido pela beleza interior desta mística "selvagem", pela sua pure-

* **Faustino Teixeira** é teólogo, doutor e pós-doutor em Teologia. Professor de Teologia das Religiões na Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisador CNPQ. **Endereço do autor:** R. Antonio Carlos Pereira, 328, Tiguera, Cep 36071-120, Juiz de Fora - MG. E-mail: faustino.teixeira@ufjf.edu.br

1. PÉTREMENT, Simone. *Vida de Simone Weil*. Madrid: Trotta, 1997. p. 11 (o original francês é de 1973, publicado em dois volumes).

2. WEIL, Simone. *Attente de Dieu*. Paris: Fayard, 1966 (a edição original é de 1950) [Ed. bras.: *Espera de Deus*. São Paulo: ECE, 1987.] Id. *Lettre à un reli-*

za, transparência, autenticidade, e pela sua capacidade única de abertura sem limites à realidade.[4] Thibon reconhece que "todos os seres humanos geniais são mensageiros do divino e do eterno. Mas poucos são verdadeiramente suas testemunhas na profundidade de seu ser".[5]

## *Passos de uma vida singular*

Simone Weil nasceu em Paris no dia 3 de fevereiro de 1909, numa família de tradição judaica, marcada por clima de refinamento cultural, generosidade e afeto. Seu pai, Bernard (1872-1955), era médico e agnóstico convicto. Sua mãe, Selma Reinherz (1879-1965), uma mulher dedicada aos filhos. Foi nesse clima que cresceu Simone, sem aderir a nenhum credo preciso. O ambiente familiar foi favorecido pelos sólidos vínculos afetivos e Simone recebeu dos pais um importante impulso para o crescimento intelectual e a ampliação das possibilidades de ação no mundo. Herdou de sua mãe a alegria e a paixão pela vida, bem como o desejo de felicidade.

Em sua trajetória de vida, Simone Weil foi revelando aos poucos uma capacidade intelectual singular. Terminou o seu *baccalauréat* aos 15 anos, tendo em seguida ingressado no prestigiado Liceu Henri IV, em Paris. Escolheu a filosofia como campo de sua formação teórica, tendo encontrado em Alain um dos mestres que mais favoreceram o seu desenvolvimento intelectual. É neste período do Liceu que começa a acontecer o seu engajamento político mais decisivo. Sua presença irradiadora propagava-se entre os alunos.

Em passagem de um de seus livros de memória, Simone de Beauvoir relata sua admiração por Simone Weil: "Eu invejava um coração capaz de bater através do universo inteiro".[6] A continuidade de seu aperfeiçoamento teórico vai acontecer na Escola Normal Superior, entre os anos de 1928-1931. A trajetória intelectual de Simone foi um "exercício do intelecto com todo o seu rigor e exigência, unido a uma paixão pelo mundo e o ser humano".[7]

*gieux*. Paris: Gallimard, 1951. A obra completa de Simone Weil, ainda em curso de publicação, está prevista para 7 tomos e 16 volumes pela editora Gallimard.

3. PERRIN, Joseph-Marie. *Mon dialogue avec Simone Weil*. Paris: Nouvelle Cité, 1984. pp. 29, 39 e 79.

4. PERRIN, Joseph-Marie & THIBON, Gustave. *Simone Weil come l'abbiamo conosciuta*. Milano: Ancora, 2000. pp. 120 e 123. BARTHELET, Philippe. *Entretiens avec Gustave Thibon*. Paris: Éditions du Rocher, 2001. pp. 63-65. Um testemunho semelhante foi dado por Simone Pétrement, sua fiel amiga, ao constatar que os seus mais simples escritos, nos últimos anos, são suficientes para "mostrar o que

Simone Weil é contratada, em setembro de 1931, como professora de Filosofia em Le Puy. O exercício do magistério é acompanhado de intensa militância no movimento sindical. Firma-se nela o sonho de tornar-se operária. A atuação como docente tem continuidade em Auxerre (1932-1933) e Roanne (1933-1934). Sua militância política em Roanne vai cada vez mais inviabilizando sua profissão de professora. O tema do trabalho sempre esteve no centro de suas atenções durante sua formação filosófica, e o sonho de tornar-se operária vem sendo acalentado desde 1924.

Acreditava que só mediante um conhecimento direto da vida na fábrica teria acesso à compreensão da relação entre os trabalhadores e o trabalho. Em dezembro de 1934 inicia sua atividade como operária na fábrica Alsthom, depois de pedir licença por um ano do cargo de ensino. Terá ainda outras duas experiências como operária, na Carnaud e na Renault, quando pede demissão em 1935. Sobre sua experiência como operária, relata em carta ao amigo Joë Bousquet, em 12 de maio de 1942:

> Não faz muito tempo [...] trabalhei como operária, cerca de um ano, nas fábricas metalúrgicas da região parisiense. A combinação da experiência pessoal e a simpatia pela miserável massa humana que me rodeava e com a qual me encontrava [...] indissociavelmente confundida, fez entrar tão profundamente no meu coração a desventura da degradação social que, desde então, passei a me sentir como uma escrava, no sentido que esta palavra tinha para os romanos.[8]

O tema da desventura vem novamente lembrado na carta autobiográfica que Simone escreve ao padre Perrin, dois dias depois:

> Estando na fábrica, confundida aos olhos de todos e aos meus próprios com a massa anônima, a desgraça dos outros entrou em minha carne e em minha alma. Nada me separava disso, porque havia esquecido realmente meu passado e não esperava nenhum porvir, e dificilmente podia imaginar a possibilidade de sobreviver àquelas fadigas. [...] Recebi ali, para sempre, a marca da

ela realmente era, revelam uma pureza, uma honestidade inflamada e delicada que não encontra semelhança no nosso tempo". Apud CANCIANI, Domenico. *Tra sventura e bellezza. Riflessione religiosa e esperienza mistica in Simone Weil*. Roma: Lavoro, 1998. p. 96.

5. THIBON, Gustave. *L'ignorance étoilée*. Apud DI NICOLA, Giulia Paula & DANESE, Attilio. *Abismos e ápices*. São Paulo: Loyola, 2003. p. 119.

6. BEAUVOIR, Simone de. *Mémoire d'une jeune fille rangée*. Paris: Gallimard, 1958. pp. 236-237.

7. BINGEMER, Maria Clara L. *Simone Weil. A força e a fraqueza do amor*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. p. 20.

> escravidão, como a marca a ferro em brasa que os romanos punham na fronte de seus escravos mais menosprezados. Depois, passei a ver-me sempre como uma escrava.[9]

Essa questão vai ocupar um lugar central na reflexão de Simone Weil, que não via outra condição para pensar a desventura senão "levando-a na carne, gravada bem a fundo, como um cravo, e levá-la consigo por longo tempo, de forma a facultar firmeza ao pensamento para poder mirá-la".[10]

Uma das razões que motivaram Simone Weil a ser operária era de poder encontrar na fábrica uma "verdadeira fraternidade". Sua decepção foi grande. Encontrou ali uma experiência de viva opressão e conseqüente submissão desalentadora. Tudo isso só fez aumentar o seu pessimismo político. Em seus relatos a propósito, sublinhou que a experiência nas fábricas foi-lhe "um verdadeiro martírio": a cruel fadiga, as normas de produtividade impostas, a degradação das condições de trabalho, as terríveis dores de cabeça etc. Chegou a pensar em suicídio.[11] Na verdade, o ano de experiência operária provocou uma profunda transformação em Simone Weil, não só no âmbito das idéias, mas também em sua visão das coisas, em seu sentimento de mundo. É dessa

> experiência profundamente dolorosa e cansativa que ela extrai reflexões de extrema lucidez sobre o trabalho operário e a tola pretensão das ideologias modernas, notadamente o socialismo real, de libertar os operários, quando na verdade estes vivem como cativos, escravos na fábrica.[12]

Muitos dos sonhos nutridos por Simone Weil acabam naufragando diante da dura e triste realidade que encontra pelo caminho. Mas tudo isso gerou outras possibilidades, como um "percurso propedêutico" para uma nova vida espiritual. Sublinha-se, com acerto, que o movimento que a levou à vida operária

> foi a obediência a um movimento interior que ela ainda não nomeava em termos espirituais. Tratava-se, no entanto, de um movimento existencial, vital, que ela não podia deixar de aten-

8. WEIL, Simone. *Pensamientos desordenados*. Madrid: Trotta, 1995. p. 57.

9. Id. *Attente de Dieu*, cit., p. 42 (na tradução brasileira, p. 45). O tradutor brasileiro preferiu traduzir a difícil expressão francesa *malheur* por desgraça. No presente texto, adotamos outra tradução: desventura.

10. WEIL, Simone. *Pensamientos desordenados*, cit., p. 54.

11. PÉTREMENT, Simone. *Vida de Simone Weil*, cit., pp. 354, 357, 376 e 379.

12. BINGEMER, Maria Clara L. *Simone Weil*, cit., p. 39.

> der. E esse movimento, nela, era inseparável do amor que sempre nutriu pelos seres humanos.[13]

Após sua saída da Renault, em agosto de 1935, Simone Weil acompanha os pais numa viagem a Portugal, e ali vive uma primeira experiência mística, ao tomar contato com um cristianismo aceso e pulsante. Isso ocorre em meados de setembro do mesmo ano em Póvoa do Varzim,[14] ao se deparar com uma bela procissão marítima, por ocasião da festa patronal de Nossa Senhora das Sete Dores. O canto triste das mulheres dos pescadores provoca a sensibilidade daquela jovem que "tinha a alma e o corpo em pedaços", e ali toma, de improviso, a consciência de que "o cristianismo é por excelência a religião dos escravos".[15]

Em outros dois momentos viverá uma similar intensidade mística. Por ocasião de uma viagem a Assis, na Itália, em 1937, e numa estadia em Solesmes, em 1938. É sabida a grande admiração que Simone nutria por são Francisco. Na sua célebre carta autobiográfica a Perrin, dizia sentir-se fascinada pelo místico franciscano desde que teve notícia dele. Ao entrar, em Assis, na pequena capela romana do século XII, *Santa Maria degli Angeli*, foi tomada de estupefação. Relata ao padre Perrin que, diante daquela "incomparável maravilha de pureza, onde são Francisco orou tão amiúde", algo "mais forte" aconteceu em seu interior, que a obrigou, pela primeira vez, a pôr-se de joelhos.[16] A paisagem da Umbria, com sua doçura e serenidade, encantou Simone. Seu relato a propósito é emocionante: "Nunca sonhei que pudesse existir um campo semelhante, uma raça de homens tão esplêndida e capelas tão emocionantes".[17]

A terceira experiência mística cristã marcante acontece numa visita de dez dias à abadia beneditina de Solesmes, na França. Foi um momento forte e datado, durante a Semana Santa e as festas pascais. A beleza do canto gregoriano e das palavras do ofício amenizavam as intensas dores de cabeça que a atormentavam na ocasião. A experiência, segundo o seu relato, permitiu-lhe "compreender melhor a possibilidade de saborear o amor divino através da desventura".

13. Ibid. p. 45.

14. Um vilarejo nas proximidades da cidade do Porto.

15. WEIL, Simone. *Attente de Dieu*, cit., pp. 42-43. PERRIN, Joseph-Marie. *Mon dialogue avec Simone Weil*, cit., pp. 41-42.

16. WEIL, Simone. *Attente de Dieu*, cit., p. 43.

17. PÉTREMENT, Simone. *Vida de Simone Weil*, cit., p. 452.

Foi durante aqueles ofícios que o "pensamento da Paixão de Cristo" entrou de vez na sua vida. Recebeu em Solesmes, de um jovem católico inglês, um poema do século XVII que se intitulava "Amor", que aprendeu de memória e o recitava nos momentos mais violentos de suas dores de cabeça. Foi durante uma dessas recitações que ela se sentiu apoderada por Cristo: "O Cristo mesmo desceu e tomou-me".[18]

Durante anos essa experiência mística de Simone foi guardada em silêncio, tendo sido revelada só em maio de 1942, nas cartas a Joë Bousquet e a padre Perrin. Com o passar do tempo, resolveu revelar a público o que viveu na intimidade do encontro com o Mistério. Segundo Carlos Ortega, que fez o prólogo da edição espanhola da *Espera de Deus*, as três experiências místicas provocam "seu abandono do ensino e assinalam o ponto de inflexão a partir do qual seu olhar sobre o mundo recebe uma decisiva conformidade sobrenatural".[19]

As transformações interiores vividas por Simone no final da década de 1930 vão repercutir no novo interesse pela religião. Passa a dar maior atenção às leituras que envolvem a história das religiões e ao estudo comparado das religiões. Capta a importância e a singularidade da adesão à verdade religiosa em sua leitura do *Bhagavad Gita*, realizada na primavera de 1940, e retomada diretamente em sânscrito, em 1941.

Na ocasião, toma também contato com a apaixonante obra de João da Cruz, que lê no original com grande entusiasmo. Na visão do amigo Thibon, que favoreceu esse contato, Simone "pôde descobrir João da Cruz com uma profunda admiração e uma adesão não menos profunda". Em sua opinião, dentre todos os místicos, era aquele que melhor correspondia à sua espiritualidade.[20] Na carta biográfica a Joë Bousquet, assinala não mais poder rechaçar a presença de Deus: "Uma presença mais pessoal, mais certa, mais real que a de um ser humano, inacessível tanto aos sentidos como à imaginação, análoga ao amor que transparece no mais terno sorriso de um ser amado".[21]

Depois do período de Marselha, Simone vai para Nova York, em 1942. Sua vontade era de permanecer na França,

18. "Le Christ lui-même est descendu et m'a prise": WEIL, Simone. *Attente de Dieu*, cit., pp. 44-45. Sobre sua experiência mística, ver ainda: CANCIANI, Domenico. *Tra sventura e belleza*, cit., pp. 117-120.

19. ORTEGA, Carlos. Prólogo. In. WEIL, Simone. *A la espera de Dios*. 3. ed. Madrid: Trotta, 2000. p. 10. Sobre essa mudança também fala o padre Perrin no prefácio da *Espera de Deus*: "Na experiência desse sentimento desconhecido, dirigiu um novo olhar sobre o mundo, sobre sua poesia e suas tradições religiosas, sobretudo sobre a ação ao serviço dos desventurados, campo ao qual intensificou seus esforços". WEIL, Simone. *Attente de Dieu*, cit., p. 9.

e só aceita a viagem como forma de manter a segurança dos pais. O período era complicado para a família Weil, com a crescente ameaça hitleriana. A situação da guerra provoca uma profunda mutação no pensamento de Simone com respeito ao tema da violência. Rompe com sua anterior postura sobre o pacifismo e defende o direito da reação francesa e do resto da Europa. Elabora um projeto de criação de um corpo de enfermeiras de primeira linha e tenta divulgá-lo entre as autoridades.[22]

Antes de partir para Londres, ainda em 1942, Simone escreve a famosa *Carta a um religioso*, dirigida ao padre Coutorier, sob indicação de Jacques Maritain. Essa carta nunca receberá resposta. Em Londres, Simone Weil consegue um trabalho de redatora num escritório. O período londrino foi de intensa produção literária para ela. Uma de suas obras mais importantes nasceu nessa ocasião: *L'enracinement*.[23] Mas foi uma permanência infeliz, apesar da positiva acolhida no país estrangeiro. E se aborrecia também com as dificuldades impostas aos projetos de vida.

As temíveis dores de cabeça retornam, e Simone alimenta-se cada vez menos. No dia 15 de abril de 1943, é internada, depois de ser encontrada desacordada em sua casa. Tem certa melhora no hospital de Middlesex, mas sua resistência a alimentar-se dificulta o tratamento. Ela dizia que não podia saciar sua fome enquanto o *seu povo* padecia. Acaba falecendo no dia 24 de agosto de 1943, aos 34 anos.

## *A paixão pelos outros e pelo mundo*

Dois traços fundamentais marcam a sensibilidade de Simone Weil: a paixão pelos outros e pelas coisas do mundo. Dizia estar convencida de que a conjunção da consciência da desventura com o sentimento de alegria, entendido como adesão integral à perfeita beleza, era a porta de entrada ao "país puro, ao país respirável, ao país do real".[24] Há que situar, primeiramente, o extraordinário caráter de sua compaixão, sua solidariedade com a causa dos oprimidos e

20. BARTHELET, Philippe. *Entretiens avec Gustave Thibon*, cit., p. 178.

21. WEIL, Simone. *Pensamientos desordenados*, cit., p. 58.

22. PÉTREMENT, Simone. *Vida de Simone Weil*, cit., pp. 654-655.

23. WEIL, Simone. *L'enracinement. Prélude à une déclaration des devoirs envers l'être humain*. Paris: Gallimard, 1949.

24. Id. *Pensamientos desordenados*, cit., p. 59.

infelizes. E essa compaixão ganhava contornos de uma autêntica virtude teologal: "No amor verdadeiro, não somos nós que amamos os desventurados em Deus, mas é Deus que em nós ama aos desventurados".[25]

Sua veia profética vibra e reage prontamente contra a violência que sufoca os seres humanos. O sentimento de compaixão acompanha Simone desde sua infância e vai alargando-se, sem fronteiras, até envolver o mundo inteiro. Ao lado dessa capacidade de "simpatia pela miserável massa humana", pelos desventurados, situa-se também uma grande paixão pelas coisas do mundo e por sua beleza. O que mais amava na natureza era "a pureza dos minerais, o vazio do silêncio, do imenso e luminoso espaço, ou o distante e alheio esplendor dos astros".[26]

Simone via no amor à beleza do mundo uma das formas implícitas de amor a Deus. Seu coração estava aberto para acolher sem limites "os reflexos puros e autênticos dessa beleza nas artes e na ciência" e abraçar tantas outras coisas que ela e Deus amavam:

> Toda a imensa extensão dos séculos passados, exceto os vinte últimos; todos os países habitados por raças de cor; toda a vida profana nos países de raça branca; na história desses países, todas as tradições acusadas de heresia, como a tradição maniqueísta e albigense; todas as coisas surgidas do Renascimento, freqüentemente degradadas, porém não completamente sem valor.[27]

Simone ponderava que um dos empecilhos que a impediam de abraçar a Igreja era justamente o fato de essas belezas estarem fora do âmbito de acolhida do cristianismo como tal. Para ela, na definição mesma do cristianismo, a dimensão católica, da universalidade, não poderia estar excluída. De acordo com Simone, o amor verdadeiro implica universalidade, deve ser um amor capaz de envolver a totalidade do universo e da criação. Ela dizia: "Nosso amor deve ter a mesma extensão através de todo o espaço, a mesma igualdade em todas as porções do espaço que a da luz do sol".[28]

25. Id. *Attente de Dieu*, cit., p. 138.

26. PÉTREMENT, Simone. *Vida de Simone Weil*, cit., p. 587.

27. WEIL, Simone. *Attente de Dieu*, cit., pp. 53-53 e 76.

28. Ibid. p. 79.

## A simpatia inter-religiosa

Sobretudo após o período de Marselha (1940-1941), cresce o interesse e o aprofundamento de Simone Weil no estudo da história das religiões e das religiões comparadas. Em texto produzido em Londres, sinaliza essa atenção, de busca da verdade que habita cada tradição religiosa e as relações das religiões, com as formas profanas de busca da verdade.[29] Suas leituras são diversificadas: o *Livro dos mortos* e outros textos das tradições egípcias, o Antigo Testamento, o *Bhagavad Gita* etc.

Sinaliza que textos anteriores à era comum, como alguns escritos hindus, "contêm os mais extraordinários pensamentos de místicos como Suso ou são João da Cruz. Em particular, sobre o 'nada', o 'não ser', o conhecimento negativo de Deus e o estado de união total da alma com Deus".[30] Toda a sua reflexão é no sentido do reconhecimento de um rico patrimônio religioso que acompanha a história da humanidade e que deixa de ser valorizado em razão de preconceitos ou superficialidade.

Em diversos passos de sua reflexão, Simone sublinha não ser possível abandonar seus sentimentos positivos com respeito às diversas tradições religiosas. Para ela, isso era uma questão de honestidade e honradez. Sua abertura à beleza do mundo e à totalidade da criação envolvia a acolhida inter-religiosa. Manifesta firme reticência contra o estabelecimento de uma hierarquia entre as religiões, pois para ela as mesmas só podem ser conhecidas a partir de seu interior.

De acordo com Simone, se é correto dizer que a religião católica apresenta verdades que estão apenas implícitas nas outras religiões, o mesmo pode ser dito das outras religiões, que também contêm verdades que estão implícitas no cristianismo. Antecipando reflexões que estarão no cerne da discussão da teologia do pluralismo religioso, Simone indica que o cristianismo tem muito o que aprender das coisas divinas presentes nas outras tradições religiosas. Seria, para ela, uma "perda irreparável" se essas tradições, em sua diversidade, tivessem, um dia, de desaparecer na história.[31]

29. Id. *Pensamientos desordenados*, cit., pp. 99-100.

30. Ibid. p. 44. FIORI, Gabriela. *Simone Weil*. Milano: Garzanti, 2006 pp. 273-274.

31. WEIL, Simone *Lettre à un religieux*, cit., pp. 38-39.

Essa visão de Simone Weil sobre as religiões encontrou resistência entre teólogos católicos inclusivistas, como Jean Daniélou e Henri de Lubac. Na perspectiva desenvolvida por Daniélou, a posição de Simone a respeito das religiões, sobretudo em sua *Carta a um religioso*, combina algumas "intuições notáveis" com "desconcertantes confusões". Para ele, o que falta na autora é a percepção de que o cristianismo não pode ser colocado no mesmo plano das outras religiões cósmicas.[32] Para esses teólogos do acabamento, não há como negar a "diferença qualitativa" que separa o cristianismo das demais religiões, bem como o "caráter radicalmente novo" da fé cristã.

Na abordagem que defendem, é o cristianismo que dá remate, acabamento e realização às verdades "imperfeitas" que subsistem nas outras tradições religiosas. Não há dúvida sobre a discordância de Simone Weil com respeito a tais observações. Em testemunho sobre a autora, Gustave Thibon fala sobre a sua perspectiva ecumênica, que não pode ser confundida com a afirmação relativista: "Simone Weil nos descobre o verdadeiro caminho do ecumenismo — não o ecumenismo bastardo que aceita e põe no mesmo plano todas as religiões, mas um ecumenismo transcendental que filtra as impurezas de todas as religiões, conservando apenas sua essência sobrenatural".[33]

Para Simone Weil, as religiões constituem distintas expressões de uma única grande revelação, são como "janelas para o infinito", na bela terminologia adotada por seu amigo Gustave Thibon. Numa das páginas mais bonitas de sua reflexão sobre o tema, quando aborda as formas de amor implícito a Deus, Simone sublinha que uma determinada religião só pode ser conhecida a partir de dentro, e isso requer atitudes fundamentais como a simpatia, a atenção e a amizade. A seu ver, "o estudo das diferentes religiões não conduz a um conhecimento senão na medida em que alguém entra temporalmente, mediante a fé, no centro mesmo da religião que se está estudando".[34]

Não pode haver autêntico conhecimento do outro senão mediante a "virtude milagrosa da simpatia", por meio da

32. DANIÉLOU, Jean. Hellénime, judaïsme, christianisme. In: PERRIN, J.-M. et al. *Réponses aus questions de Simone Weil*. Paris: Aubier, 1964. pp. 19 e 26. Ver ainda: DANIÉLOU, Jean. *Sobre o mistério da história*. São Paulo: Herder, 1964. p. 104. DE LUBAC, Henri. Prefazione. In: RAVIER, André (Ed.). *La mística e le mistiche*. Cinisello Balsamo: San Paolo, 1996. p. 22.

33. Apud DI NICOLA, Giulia Paula & DANESE, Attilio. *Abismos e ápices*, cit., p. 211.

34. WEIL, Simone. *Attente de Dieu*, cit., p. 178.

qual a própria alma vem a ele transportada temporalmente. Há, também, que dedicar ao outro uma verdadeira atenção, e isso requer um esforço particular de suspensão do pensamento, de esvaziamento da mente, de modo a deixar o sujeito disponível ao mistério que advém: "A mente deve estar vazia, à espera, sem buscar nada, mas disposta a receber em sua verdade desnuda o objeto que nela vai penetrar".[35] A amizade vem completar esse quadro. Para Simone, aqueles que são capazes de amizade conseguem com todo o seu coração interessar-se pela "sorte de um desconhecido". E isso vale também para as outras religiões.

As diversas tradições religiosas, segundo Simone, são entrelaçadas por "equivalências ocultas" que delineiam a possibilidade de uma verdadeira simpatia inter-religiosa. Mas para captar essas equivalências é necessário trilhar o caminho da profundidade. Não há como perceber a riqueza da alteridade senão através de um estreito contato. Simone dizia que é "difícil apreciar pelo olhar o sabor e o valor nutritivo de um alimento que nunca se provou".[36] Torna-se imperativo para qualquer diálogo verdadeiro uma aproximação marcada pela disponibilidade de aprendizado: "Apropriar-se de outras possibilidades". O encontro autêntico com o outro não se dá no âmbito da superfície, mas da profundidade: só "aquele que conhece o segredo dos corações conhece também o segredo das diferentes formas de fé".[37]

## *No umbral da Igreja*

Simone Weil dizia que o que a mantinha desvinculada da adesão formal à Igreja era o amor que ela alimentava "pelas coisas que estão fora do cristianismo visível".[38] Era uma pessoa ousada na sua paixão pelas grandes tradições, como a Grécia, o Egito, a Índia, a China. Toda a beleza do mundo a encantava e seduzia. Não conseguia entender e aceitar o posicionamento tradicional da Igreja que desconhecia os valores das diversas tradições religiosas e mantinha-se cerrada na visão de que "fora da Igreja não há salvação". Eram tempos mais difíceis no campo da reflexão teológica sobre o

35. Ibid. p. 93.
36. Ibid. p. 177.
37. Ibid. p. 179.
38. Ibid. p. 76.

tema, que só seriam dobrados posteriormente com o Concílio Vaticano II (1962-1965).

Já em 1941, quando encontrou pela primeira vez o padre Perrin, definia a sua posição como a de alguém que se encontra no "umbral da Igreja" (*au seuil de l'Eglise*).[39] Tal posição vem confirmada na *Carta a um religioso*, escrita ao padre Coutorier em novembro de 1942. Dizia ali que sua vocação era a de ser "cristã fora da Igreja".[40] Na carta, Simone confirma sua adesão aos mistérios da fé cristã, mas também sua dificuldade de aderir ao corpo de doutrinas estabelecido pela Igreja. Elenca uma série de dificuldades que para ela são irredutíveis, e que a mantém distanciada de uma adesão mais formal. Começa a carta dizendo:

> [...] Quando leio o catecismo do Concílio de Trento, dá-me a impressão de que não tenho nada em comum com a religião ali exposta. Quando leio o Novo Testamento, os místicos, a liturgia, quando vejo celebrar a missa, sinto com alguma forma de certeza que essa fé é a minha ou, mais exatamente, que seria a minha sem a distância interposta entre ela e mim pela minha imperfeição.[41]

Simone retoma a mesma distinção entre a adesão aos mistérios da fé cristã e a recusa a uma adesão formal à instituição Igreja em carta dirigida a M. Schumann em 1942. Assevera que não estaria mentindo ao dizer que no sentido propriamente etimológico afirma-se como católica, uma vez que partilha radicalmente a idéia de um amor que preenche o universo e abraça a totalidade da criação. Diz na carta:

> Declaro-me totalmente de acordo com os mistérios da fé cristã, com uma espécie de adesão que, penso, convém só aos mistérios; adesão que é amor, não afirmação. Pertenço, certamente, a Cristo. Ou pelo menos isso é o que quero crer. Permaneço, porém, fora da Igreja por dificuldades que temo irredutíveis, de ordem filosófica, concernentes não aos próprios mistérios, mas às precisões com que ao longo dos séculos a Igreja acreditou dever circundar-lhes, e sobretudo, nesse sentido, a utilização das palavras *anathema sit*...[42]

39. Ibid. p. 31. PERRIN, Joseph-Marie & THIBON, Gustave. *Simone Weil come l'abbiamo conosciuta*, cit., p. 61.

40. WEIL, Simone. *Lettre à un religieux*, cit., p. 14.

41. Ibid. p. 11.

42. Apud PÉTREMENT, Simone. *Vida de Simone Weil*, cit., pp. 663-664.

Na visão de Simone, a catolicidade do cristianismo era só de direito e não de fato, uma vez que muita coisa dele estava excluída, como a vida que pulsava em toda a imensidão dos séculos passados, em tantos povos, raças e culturas, bem como o dinamismo da vida profana. Argumenta que, assim como "o cristianismo é católico de direito e não de fato", prefere ser "membro da Igreja de direito e não de fato". Avança ainda mais, dizendo que essa parece ser a vontade de Deus, a de permanecer fora, "também no futuro, salvo, quiçá, no momento da morte".[43]

O padre Perrin, ao decidir publicar, em 1949, os textos de Simone Weil que traduziam sua experiência interior, dá ao livro o sugestivo nome *Attente de Dieu* (*Espera de Deus*). A palavra escolhida para o título era uma das mais apreciadas por Simone Weil, refletindo bem sua situação com respeito ao cristianismo. A expressão "espera" foi a escolhida para espelhar o termo grego *en upomonê*, utilizado no evangelho de Lucas (Lc 8,15). Simone dizia que sempre esteve no "umbral da Igreja, sem mover-se, quieta, *en upomonê* (palavra muito mais bela que paciência!)".[44]

Desde o período de Marselha, a questão da possibilidade da salvação fora da Igreja torna-se, para Simone, uma questão crucial. Ponderava, em carta ao padre Perrin, que a atitude tradicional da Igreja com respeito às religiões rebaixava não apenas as outras religiões, mas também a própria religião católica.[45] Nada mais importante para ela do que a pureza de um coração que invoca a Deus, independentemente de filiação religiosa.

Dizia que "sempre que um ser humano invocou com um coração puro a Osíris, Dionísio, Krishna, Buda, o Tao etc., o Filho de Deus respondeu enviando-lhe o Espírito Santo".[46] Esta fé de Simone tem respaldo em sua compreensão de um Deus que é sobretudo amor. Em sua perspectiva, "a verdade essencial relativa a Deus é que ele é bom".[47] E é bom muito antes de ser "poderoso". Daí também sua dificuldade com alguns textos do Antigo Testamento, que lera integralmente, já adulta, em Paris e Marselha.[48]

43. WEIL, Simone. *Attente de Dieu*, cit., pp. 52-53. Simone Weil sempre recusou o Batismo, apesar dos esforços feitos nesse sentido pelo amigo padre Perrin. Em livro de biografia de Simone Weil, a autora G. Houdin, contrariando a posição de outros tantos biógrafos, assinala que um testemunho de Simone Deitz, a melhor amiga de Simone na ocasião, confirmaria o seu Batismo em Londres, ao final da vida, quando ainda estava hospitalizada: Apud DI NICOLA, Giulia & DANESE, Attilio. *Abismos e ápices*, cit., pp. 102-103 e 105.

44. WEIL, Simone. *Attente de Dieu*, cit., p. 54. Id. *Pensamientos desordenados*, cit., p. 55. Ver ainda: PERRIN, Joseph-Marie. *Mon dialogue avec Simone Weil*, cit., pp. 80 e 125.

A leitura da Bíblia provocou um impacto negativo em Simone, sobretudo em razão de passagens do Antigo Testamento que vinham acompanhadas de violência: os massacres e extermínios recorrentes, alguns deles relacionados com a vontade de Deus.[49] Mas havia também textos do Antigo Testamento que ela admirava, como alguns salmos, certas passagens do livro de Isaías, o Cântico dos Cânticos, sobretudo o livro de Jó.[50]

A relação tensa de Simone Weil com o judaísmo é um tema complexo e delicado, motivo de muita reflexão entre seus biógrafos. Segundo Pétrement, Simone "nunca se sentiu atraída pelo judaísmo". Ao reagir, em carta ao ministro da Educação, a um texto sobre o "Estatuto dos judeus", publicado em outubro de 1940, ponderou: "A tradição cristã, francesa, helênica, essa é a minha tradição. A tradição judaica me é estranha. Nenhum texto legal pode mudar isso".[51]

Na visão de Bingemer, o repúdio à violência é o que melhor traduz "o sentimento que está na base de todo o pensamento de Simone Weil sobre o judaísmo".[52] Em seus escritos, Simone menciona o risco de idolatria que acompanha a noção judaica de "povo eleito". Trata-se, a seu ver, de uma noção que reitera a força de uma raça e nação, contrariando o conhecimento verdadeiro de Deus e de sua universalidade.[53]

## Conclusão

A autenticidade, firmeza, paixão e abertura são traços que pontuam o perfil profético de Simone Weil. Nem todos, infelizmente, souberam captar o alcance de sua ousadia vital e de seu impressionante testemunho. Morreu muito jovem, aos 34 anos, quando tinha, ainda, um belo futuro no horizonte. Foi uma pioneira em várias frentes. São alvissareiras suas reflexões sobre a compaixão ao outro, o compromisso com os desventurados e a simpatia inter-religiosa. Antecipou intuições fundamentais que só seriam abraçadas pela Igreja Católica muitos anos depois. Muitos de seus lampejos ainda permanecem em aberto, desafiando o tempo. O ge-

45. WEIL, Simone. *Attente de Dieu*, cit., p. 250.

46. Id. *Lettre à un religieux*, cit., pp. 33-34.

47. Ibid. p. 15.

48. Como assinala Bingemer, mesmo sendo Simone de tradição judaica, não foi introduzida no estudo da Bíblia hebraica na infância ou na juventude. Ela fez esta leitura já adulta, tendo comprado em Marselha os dois volumes da Bíblia do Rabinato Francês. BINGEMER, Maria Clara L. *Simone Weil*, cit., p. 142.

49. Pétrement comenta em sua biografia essa dificuldade de Simone com o "'Deus dos exércitos', um Deus cruel que que dá ordens de exterminar os cananeus etc.". PÉTREMENT, Simone. *Vida de Simone Weil*, cit., p. 634. FIORI, Gabriela. *Simone Weil*, cit., p. 274.

neroso amor que ela soube expressar tão bem ao longo de sua vida fez dela uma autêntica "amiga de Deus".

Seu amor a Deus foi tão profundo que se irradiou pela totalidade da criação. Simone dizia que a mirada é o que reflete uma das verdades mais capitais do cristianismo. Soube, como poucos, dirigir sua mirada para a "pureza perfeita". Isso se deveu ao fato de ter estado sempre animada por amigos de Deus verdadeiros, como os místicos e os santos. Nada mais importante para ela do que a amizade gratuita com os amigos de Deus, os únicos a facultarem o exercício autêntico de manutenção do olhar fixado intensamente em Deus.[54]

## *Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade*

1. Como situar os dois pólos que marcam a sensibilidade de Simone Weil: a paixão pelos outros e a paixão pelo mundo? Qual a importância da manutenção desse sentimento de mundo no tempo atual?
2. Quais as razões que mantiveram Simone Weil durante toda a sua vida como uma "cristã fora da Igreja"? Será que a dinâmica eclesial que se seguiu ao Concílio Vaticano II provocou uma sensibilidade nova na vida eclesial de modo a favorecer uma abertura distinta da Igreja ao mundo e às outras tradições religiosas?
3. Quais são alguns dos desafios fundamentais que a herança de Simone Weil deixa para a vida religiosa?

50. PERRIN, Joseph-Marie. *Mon dialogue avec Simone Weil*, cit., p. 65.

51. PÉTREMENT, Simone. *Vida de Simone Weil*, cit., p. 556.

52. BINGEMER, Maria Clara L. *Simone Weil*, cit., p. 153.

53. WEIL, Simone. *Lettre à un religieux*, cit., p. 19. Id. *Pensamientos desordenados*, cit., p. 40.

54. Id. *Attente de Dieu*, cit., p. 51.

# Eucaristia: memorial ou rito sagrado?

Jung Mo Sung*

A Eucaristia é o sacramento central na vida de pessoas e comunidades cristãs. Ela alimenta a nossa fé e, ao participarmos dela, lembramo-nos da última ceia de Jesus e do seu mandamento: "Fazei isso em minha memória". Até poderíamos dizer que, na prática, é o sacramento mais importante na religiosidade do povo e na vida das comunidades. Mais do que isso, consideramos a Eucaristia como algo tão importante que se torna um rito sagrado na vida de uma Igreja local. Afinal, para as pessoas religiosas não há coisa mais importante do que algo sagrado. E o fato de que as regras rituais permitem somente aos sacerdotes (pessoas consideradas sagradas) dizer e fazer certas orações e gestos de consagração (ato de tornar algo sagrado) reforça esse caráter de sagrado e leva as pessoas a reverenciarem a hóstia consagrada.

Comecei dizendo que a Eucaristia era o sacramento central na vida da comunidade cristã, depois passei para "o mais importante" e, por fim, ao "sagrado". Essa passagem de um conceito ao outro não é um simples uso de sinônimos ou de equivalentes, mas revela uma certa compreensão do cristianismo que acaba por reduzir a Eucaristia a um rito sagrado. As minhas reflexões serão sobre essa relação entre a Eucaristia e o sagrado.

## *Eucaristia e o sagrado*

Os estudiosos das religiões afirmam que a estrutura básica de uma cosmovisão religiosa é a distinção entre o sagrado

* **Jung Mo Sung** é teólogo, coreano de nascimento, radicado no Brasil desde 1966. É católico, professor do programa de pós-graduação em Ciências da Religião na Universidade Metodista de São Paulo. Autor de diversos livros, entre eles: *Um caminho espiritual para felicidade* (2007) e *Sementes de esperança:* a fé em um mundo em crise (2005), pela Vozes. **Endereço do autor:** R. Humberto I, 254, apto. 121-A, cep 04018-030, São Paulo-SP. E-mail: jungmosung@uol.com.br.

e o profano. O sagrado seria o que se destaca e se separa do mundo profano (da vida cotidiana) como uma manifestação de uma força sobrenatural ou divina. Nas sociedades marcadas por essa cosmovisão, as pessoas vão aos lugares sagrados, onde as pessoas sagradas (sacerdotes e sacerdotisas) fazem ritos sagrados e oferecem sacrifícios aos deuses, para recuperar a força e a pureza perdida nos afazeres profanos, cotidianos, ou, então, para pedir um favor especial aos deuses.

No âmbito do sagrado, a obtenção da pureza, da força, da salvação ou dos favores pedidos depende basicamente da precisão com que os ritos sagrados são realizados. Não importa como a pessoa ou a comunidade vive no seu cotidiano, pois o âmbito profano não afeta o que ocorre no sagrado. A eficácia dos ritos sagrados não depende da qualidade ético-espiritual da vida das pessoas nem das ações realizadas na vida cotidiana; basta que esses ritos sagrados sejam realizados corretamente por pessoas sagradas.

Essa concepção mágica da religião pressupõe o dualismo entre o sagrado e o profano, onde o que realmente vale é o mundo do sagrado, com sua lógica e eficácia próprias, independente da vida cotidiana, completamente desvinculado da dinâmica sociopolítica que rege a sociedade.

Dessa breve reflexão decorre uma pergunta: quando consideramos a Eucaristia algo sagrado, estamos reproduzindo a lógica do dualismo entre o sagrado e o profano? Isto é, consideramos a Eucaristia como um ato sagrado, sacrificial, oferecido a Deus, que pela sua própria eficácia nos dará a pureza e força espiritual e a salvação?

Em um artigo breve como este, não é possível propor uma longa análise sobre questão tão complexa. Mas quero propor algumas idéias com o objetivo de fomentar reflexões e discussões entre leitores e leitoras desta revista. O documento teológico de base para o Congresso Eucarístico Internacional de Quebec, *A Eucaristia: dom de Deus para a vida do mundo*,[1] diz:

> *Fazei isto em memória de mim*. Por esses gestos e palavras, Jesus institui um novo rito, o seu rito pascal, pelo qual ele se substitui

1. Disponível em: <http://www.vatican.va>.

> ao cordeiro tradicional, dando-se e sacrificando-se por amor. O seu ato de amor realiza a nova aliança no seu sangue, libertando a humanidade do pecado e da morte.
>
> (Parte I, 1)

Essa afirmação, bastante clara e bem tradicional — no sentido de que parece reproduzir a doutrina à qual estamos bastante acostumados —, pode ser interpretada no sentido de que a Eucaristia é um novo rito, que substitui um rito antigo feito no interior da antiga aliança, que não tinha o "poder" de libertar a humanidade do pecado e da morte. Em outras palavras: o rito da Eucaristia é o único apropriado e eficaz para revivermos hoje o ato de amor de Jesus, que se sacrificou para a nossa libertação. Por isso nós, cristãos, devemos continuar "fazendo isso em memória dele" e em memória do sacrifício que nos salvou.

O documento teológico do Congresso Eucarístico diz logo a seguir:

> É sempre impelido por este mesmo amor que Cristo ressuscitado, no poder do seu Espírito, atualiza o dom da sua Eucaristia cada vez que a Igreja celebra o rito que dele recebeu na última ceia, na véspera da Paixão. Celebrando este rito sacramental, a Igreja está intimamente associada à oferenda de Jesus Cristo e, portanto, ao exercício da sua função sacerdotal para o culto de Deus e salvação da humanidade.

"Fazei isso em minha memória" é entendido, assim, como celebrar o rito que nos associa à oferenda de Jesus Cristo, ao seu sacrifício redentor. Oferenda de sacrifício é uma função exclusiva do sacerdote, por isso o documento nos lembra que a Igreja exerce a sua função sacerdotal nesse culto a Deus e salvação da humanidade.

Se interpretarmos esses textos e a própria celebração da Eucaristia no sentido que expus, a Eucaristia passa a ter um valor em si, algo sagrado, por isso independente da vida e das ações que ocorrem no âmbito do "profano", isto é, no campo da economia, da política, da cultura e da vida cotidiana familiar e profissional. E quando isso acontece a

Eucaristia pode tornar-se objeto de adoração "em si": cultuar a Eucaristia pela pura adoração dela mesma.

Mas há algum problema em cultuar a Eucaristia como algo sagrado?

## *"Ser réu do corpo e do sangue do Senhor"*

O problema em compreender a Eucaristia como um culto sagrado está em utilizar, mesmo que inconscientemente, as categorias e características do sagrado-profano das religiões pré-cristãs ou não-cristãs. Na medida em que passamos da celebração mais importante ou significativa da vida cristã para um culto sagrado, passamos a crer que o mais importante é o cumprimento preciso das regras rituais da celebração e a crença na eficácia "automática" da Eucaristia para a nossa salvação. Não haveria nenhuma relação entre a Eucaristia e a vida comunitária, e com as "questões do mundo", pois a Eucaristia, por ser sagrada, estaria separada dessas questões profanas.

Se reduzirmos o "fazei isso em minha memória" a um culto sagrado e separarmos a Eucaristia como um rito salvífico, não conseguiremos entender, por exemplo, a repreensão que o apóstolo Paulo faz à comunidade de Corinto. A crítica de Paulo não é porque a comunidade não valoriza a Eucaristia nem pelo pouco número de pessoas que participam dela, mas pela forma como ela é celebrada. E essa crítica não tem nada a ver com não cumprimento das regras rituais ou pelo fato de alguma pessoa não-sagrada estar presidindo o culto. O que ele repreende é a incoerência entre a vida da comunidade e o que é celebrado. Diversos membros da comunidade estão mais preocupados em cada um comer apressadamente a sua própria ceia, por isso, "enquanto um passa fome, o outro fica embriagado" (1Cor 11,21).

As pessoas apressadas em comer a ceia são as mais bem situadas socialmente e que, provavelmente, por causa disso conseguem os melhores lugares na assembléia da comunidade para comer. Elas são exatamente aquelas que têm o suficiente para comer e beber nas suas casas, enquanto há

membros pobres da comunidade que não têm o que comer. Por isso Paulo diz: "Não tendes casa para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus e quereis envergonhar aqueles que nada têm?" (1Cor 11,22). Para o apóstolo Paulo, "aquele que come e bebe do cálice do Senhor sem discernir o corpo, come e bebe a própria condenação" (1Cor 11,29).

Como alguém que participa de um culto sagrado salvífico pode estar sendo condenado exatamente por causa da sua participação? Na cosmovisão do sagrado-profano, se a pessoa faz corretamente as purificações rituais exigidas antes de entrar no âmbito do sagrado, a eficácia do rito sagrado depende da precisão e correção do sacerdote que faz a oferenda-sacrifício. Sendo assim, a crítica de Paulo não consiste na "impureza ritual". O que ele critica é a incoerência entre o que é celebrado (a Eucaristia, a ceia em memória de Jesus) e a atitude das pessoas e da própria comunidade em relação à fome dos membros mais pobres e menos importantes da comunidade.

Quando Paulo ensina que se pode ser réu exatamente por ter participado da Eucaristia, ele está trabalhando com uma lógica que não tem nada a ver com o rito sagrado. A crítica pela incoerência entre a vida concreta e a celebração da Eucaristia pressupõe uma compreensão da celebração eucarística como um sacramento, um sinal de seguimento a Jesus, e não como um rito sagrado, mágico, que pela simples realização geraria os efeitos prometidos. E essa crítica não deve ser entendida como uma crítica apenas a certos indivíduos. O que faz a Eucaristia tornar-se um mal é que, "quando, pois, vos reunis, o que fazeis não é comer a ceia do Senhor, porque [...] enquanto um passa fome, o outro fica embriagado". O que invalida o sacramento é uma situação da comunidade inteira, não apenas disposição de cada indivíduo.

O grande problema dessa comunidade é que ela transformou a memória da vida, morte e ressurreição de Jesus em um simples culto dentro da lógica do sagrado-profano, que leva as pessoas a procurar um rito sagrado mais eficaz do que outro. A celebração dessa memória, que deveria reunir a comunidade em torno da mensagem pascal libertadora, que questiona, responsabiliza e faz a comunidade ser

criadora de sua própria palavra sobre a história humana, foi transformada em um culto. O que deveria ser vivido como sacramento foi transformado em um rito sagrado.

## *"Fazei isto em minha memória"*

A questão central da nossa reflexão é o que entendemos por "fazei isto em minha memória". Quando reduzimos essa memória a um culto sagrado, estamos interpretando o pedido de Jesus no sentido de celebrarmos a Eucaristia em memória da última ceia de Jesus. A memória da pessoa de Jesus fica reduzida a uma circularidade de refazer a ceia em memória da ceia. Toda a sua vida de pregação e luta pelo Reino de Deus desaparece ou passa para o segundo plano. A memória de Jesus fica reduzida a um símbolo ou mito religioso, que apaga a vida de Jesus.

Os discípulos de Jesus e as primeiras comunidades cristãs tiveram a preocupação de repetir e depois colocar por escrito os ensinamentos e a prática de Jesus para que essa memória não pudesse ser deturpada por desejos humanos ou por nossas necessidades psicológico-religiosas, para que essa memória pudesse continuar questionando-nos e chamando-nos à responsabilidade de anunciar o Reino de Deus como uma resposta aos clamores das pessoas oprimidas que sobem até os céus. Como diz José Comblin,

> Jesus pediu que se fizesse memória da sua morte e da sua ressurreição. Esse ato de memória não era ato de culto. [...] O culto tende a afastar, sempre mais, da memória do verdadeiro Jesus. O culto exalta um Jesus simbólico, transformado, porque revestido de atributos religiosos, mas a memória de Jesus tem por objeto a vida real de Jesus nesta terra e os seus ensinamentos. [...] Essas pessoas [apegadas ao culto a Jesus] conhecem um Jesus feito de símbolos que satisfazem sua necessidade religiosa, sem perceber a diferença entre o ensinamento de Jesus e a própria psicologia religiosa.[2]

Celebrar a Eucaristia em memória de Jesus não é uma disputa para ver qual é a Igreja que possui o rito mais efi-

2. COMBLIN, José. Jesus libertador numa visão da teologia pluralista. In: TOMITA, Luiza E.; BARROS, Marcelo; VIGIL, José Maria (Orgs.). *Teologia latino-americana pluralista da libertação*. São Paulo Paulinas, 2006. pp. 121-148. Citado da p. 144.

caz para a nossa salvação ou sair da história para entrar em um espaço e tempo sagrado. Celebrar a memória de Jesus é preservar a unidade entre o tempo de Jesus, os seus ensinamentos e suas práticas, com o nosso, com as nossas práticas no seguimento de Jesus. Sem esse rememorar perdemos o senso de pertença a uma história, a uma tradição espiritual que começou no passado e chega até nós porque gerações e gerações de cristãos mantiveram a memória e nos transmitiram a Boa-Nova de Jesus encarnada na história humana. Como diz Moltmann,

> se existíssemos apenas a cada dia, perderíamos a identidade. Somente por meio da memória é possível preservar a continuidade do tempo. As religiões históricas da Bíblia vivem da rememoração e da lembrança. Isso fica incomparavelmente claro na lembrança judaica da história: "*Zachor.* Lembra-te!".[3]

Devemos sempre lembrar que Jesus viveu sua vida em torno da sua missão: "Anunciar a Boa-Nova aos pobres, proclamar a libertação aos presos e a recuperação da vista aos cegos, restituir a liberdade aos oprimidos e proclamar um ano de graça do Senhor" (cf. Lc 4,18-19). Ele foi ungido pelo Espírito para proclamar o Reino de Deus, um Reino de justiça e fraternidade, de vida em abundância para todas as pessoas, especialmente para aquelas que vivem uma vida sob condições infra-humanas e que morrem antes do tempo.

Ao assumirmos nós também essa missão, devemos ter a consciência de que não anunciamos uma religião a um mundo sem religião, mas anunciamos o Reino de Deus a um mundo movido por um espírito idolátrico.[4] A cultura do nosso tempo, que sustenta e impulsiona o atual processo de globalização econômica, classifica as pessoas de acordo com a sua capacidade de consumo. As pessoas que consomem mercadorias com marcas famosas são consideradas "pessoas de bem", enquanto os pobres são considerados "pecadores", porque são "consumidores falhos". O espírito que move a nossa cultura de consumo é a luta de cada um para consumir mais do que o outro. Parafraseando Paulo, podemos dizer que "cada um se apressa para consumir", por

3. MOLTMANN, Jürgen. *Experiências de reflexão teológica:* caminhos e formas de teologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 37.

4. Sobre o tema da idolatria hoje, ver: ASSMANN, H.; HINKELAMMERT, F. *A idolatria do mercado.* Petrópolis: Vozes, 1989.

isso, "enquanto muitos passam fome, as pessoas de 'bem' se embriagam no consumismo".

Vivemos em um tempo em que milhões de pessoas são condenadas à exclusão social e à morte precoce e em que se destrói o meio ambiente em nome da acumulação ilimitada de riqueza e da busca frenética pelo consumo sem limites. Isso é o que a Bíblia chama de idolatria. Só que a idolatria é sedutora; os ídolos prometem sucesso e fornecem consciência tranqüila para os seus seguidores.

Para não cairmos nessa tentação, precisamos seguir o mandamento de Jesus: "Fazei isso em memória de mim". Quer dizer, celebrar a Eucaristia como o sacramento que sintetiza as lutas e o desejo de Jesus: um mundo onde as pessoas reconciliadas entre si e com Deus repartem o pão e vinho como sinal de fraternidade e compromisso de continuar lutando para que todas as pessoas tenham a vida em abundância.

A memória de Jesus nos convoca a lutar por uma sociedade movida por um espírito mais humano e divino que permita a todas as pessoas viverem em dignidade e justiça. Sabemos, no entanto, que essa luta não é fácil. As dificuldades e incompreensões são muitas. Mas sabemos que somos chamados a seguir os caminhos de Jesus, mesmo que muitas vezes alguns desses caminhos entrem em conflito com setores da Igreja ou que se localizem fora da instituição Igreja. O mais importante é permanecer no caminho de Jesus, celebrando na Eucaristia a memória que nos faz perseverar na fé e na luta, e que nos alimenta a esperança de que, com Jesus ressuscitado, um "dia" — no "tempo" escatológico que não é tempo como o nosso — vivenciaremos em plenitude o que já experimentamos de modo limitado: o Reino de Deus.

## *Questões para ajudar a leitura individual ou o debate em comunidade*

1. Como uma pessoa que participa de um culto sagrado salvífico pode estar sendo condenada exatamente por causa da sua participação?
2. Como celebramos a memória de Jesus no hoje da nossa história, num mundo globalizado, onde a pessoa é impulsionada a consumir cada vez mais?